

**O TRIUNFO DA  
MASCULINIDADE  
MARGARITA PISANO**

Tradução coletiva feita pelo grupo Estudos no Brejo, que  
acontece semanalmente no Brejo das Flores. São Paulo, SP.  
2017.

É livre e incentivada sua divulgação, impressão e difusão.

Viva as sapatão resistência!

# INTRODUÇÃO

## A IDEIA DO MITO DE INFERIORIDADE

O mito é um conceito cultural fabricado, cujo conteúdo não corresponde efetivamente ao que aconteceu ao longo da história, é senão uma releitura da história de um suposto início mágico-divino da humanidade, de onde nascem os modos culturais contidos nesta civilização.

É difícil fazer uma análise de como ou quando nós mulheres perdemos a batalha, como fomos submetidas, quando fomos narradas e colocadas no âmbito cultural dessas leituras míticas onde se instalam a ideia de superioridade masculina em contrapartida a nossa inferioridade. Transitamos no tempo, no esquecimento sadomasoquista que sustenta a submissão de amar e admirar a quem nos submetem.

O esquecimento que embasa esta cultura alienada não assume a mobilidade da transformação, nem a possibilidade de uma modificação profunda, pois o sistema se modifica apenas para se aperfeiçoar. É nesse processo onde sua essência afina e refina sua cultura de morte.

O mito da superioridade masculina branca, é o que origina e deposita a ideia de inferioridade das mulheres, ideia que transita pelos tempos e pelas diferentes culturas e raças.

Essa constituição de espaços do feminino e do masculino, tão profundamente arraigado, é por onde circula essa perfeita carruagem do mito e que faz possível transpassar a ideia de inferioridade no tempo e na consciência das mulheres.

Os machos não questionam essa operação de domínio com as quais nos tem submetido desde o começo da história, do mesmo modo que as mulheres quando ultrapassam certos espaços de liberdade, esquecem que essa mitologia com que se foi construída nossa história interna, forma parte constituinte de nossa cultura contemporânea, e por mais que se implementem muitas fundações de direitos ou de paz cidadã, é e seguirá sendo uma cultura fracionada, alienante e dominante.

Lévi-Strauss sustenta que o mito se modifica através da história, produzindo certas variantes, mas dentro de uma perspectiva feminista podemos assegurar que os mitos não mudam em sua profundidade, o que a cultura faz na realidade é posicioná-los de uma maneira contemporânea, para instalar e reinstalar ao seu modo seus próprios poderes e estruturas no inconsciente coletivo.

Uma cultura que semeia a desconfiança sobre si mesma, assim como no ser humano, constrói uma sociedade agressiva e em constante defesa. Esta é a dinâmica de domínio em que nós mulheres temos vivido desde os inícios da sociedade patriarcal.

Esse livro revela um olhar crítico e sem concessões aos problemas que atravessam o feminismo e os movimentos culturais, assim como também revela os traumas e sequelas de uma sociedade que deslegitima mais da metade da humanidade: as mulheres.

# PRIMEIRA PARTE

## O TRIUNFO DA MASCULINIDADE

*“Teríamos que começar a fazer as perguntas que foram definidas como não-perguntas”*

*Adrienne Rich*

A velha e conhecida estrutura patriarcal vem se modificando, se desestruturando e desfazendo suas responsabilidades, reconstruindo um poderio muito mais cômodo, fortalecendo e unindo seus espaços de poder, apagando seus limites e possibilitando sua execução por aqueles que o controlam. Desde então negocia o inegociável, tolera o intolerável e apaga o inapagável num discurso inclusivo e demagógico.

Cada vez vemos com maior nitidez que o que se ama, o que se respeita e legitima no mundo é o homem, apagando toda a aspereza e rebarbas para que esse amor se realize, pois a masculinidade estruturou, capturou e legitimou para si o valor fundamental que nos constituem como humanos e humanas: a capacidade de pensar. Nessa distribuição as mulheres foram localizadas no sub-humano da intuição contra o pensamento masculino, por isso, cada vez que uma mulher se apropria dessas dimensões, provoca desaprovação profunda do senso comum instalado em nossa sociedade o que faz tão difícil a permanência de sua autonomia.

Hoje podemos vislumbrar o triunfo mais tangível da masculinidade, como uma supra ideologia muito mais abrangente que qualquer outra crença ou ideologia concebida antes pelo Patriarcado. Essa supra ideologização da masculinidade sempre cruzou os sistemas culturais, foi imposta nas políticas, nas crenças, demarcou as estruturas sociais, raciais e sexuais.

A visão masculinista de o que é a vida vai se estendendo e compreendendo como a única macrocultura existente, possível e insuperável.

O que o Patriarcado vestiu como essência desde sua lógica de dominação – a conquista, a luta, a submissão pela força – hoje se modernizou em uma masculinidade neoliberal e globalizada que controla, vigia e sanciona como sempre. Mas desta vez através de um discurso distorcido, menos exposto e em aparente diálogo com a sociedade como um todo, onde vai recuperando, funcionalizando, fraccionando, absorvendo e invisibilizando suas oponentes e traz consigo uma misoginia mais profunda, escondida e devastadora que a do velho sistema patriarcal.

Dentro dessa lógica masculinista fragmentária se tem entendido o espaço da feminilidade e o espaço da masculinidade como dois lugares independentes que se relacionam assimetricamente e que, portanto, estão em atrito. Essa leitura fez com que a maior parte dos avanços conseguidos pelas mulheres tenham sido absorvidos, sem provocar em nada uma nova proposta civilizatória cultural.

A leitura mais simplista de dois espaços diferentes entre gênero masculino e gênero feminino nos conduziu a ideias erradas de nossa condição de mulheres e nossas rebeldias, pois esses supostos dois espaços simbólicos não são dois, senão um: o da masculinidade que contém em si o espaço da feminilidade.

A feminilidade não é um espaço autônomo com possibilidades de igualdade, de autogestão ou de independência, é uma construção simbólica e de valores desenhada pela masculinidade e contida nela como parte integrante. Certamente essa leitura trará distintos graus de resistência, pois teremos que abandonar parte do corpo teórico produzido pelo feminismo que se baseia precisamente nessa ideia e que nos dá falsas pistas de que a igualdade na diferença está ao alcance da mão, que com certas modificações nos costumes e algumas leis, faremos com que toda essa tremenda história de exploração e desigualdades termine resolvida.

Este novo olhar político nos desafia a abandonar o nicho cômodo da feminilidade, que tem sido um dos conceitos mais manipulados pela masculinidade e por nós mesmas. Ao abandonar a feminilidade como construção simbólica, como conceito de valores, como modos de se comportar e costumes, abandonamos também o modelo que temos servido tão fielmente e temos instalado em nossas memórias corporais, a tal ponto que acreditamos que essa é nossa identidade e que, ao mesmo tempo, temos confrontado como símbolo de rebeldia ante a masculinidade. Não podemos esquecer que essa construção da feminilidade tem sido a que nos coloca no espaço intocável, imóvel e privado da maternidade masculinista.

Ao propor o abandono da feminilidade e a exaltação de seus valores, estou propondo o abandono de um modelo que está impregnado de essencialismo e que implica no desafio de nos assumirmos como sujeitos políticos, pensantes e atuantes.

Não nego que nos últimos tempos tivemos acesso a certos espaços de poder e criatividade, mas ainda não conseguimos mudar o ápice da cultura da masculinidade, ao contrário, nosso acesso volta a legitimar e a renovar-la, permanecendo inalterada sua estrutura. Nunca até agora, havia existido nessas proporções tantas mulheres exploradas e pobres, nem tantos pobres no mundo, nem tanta violência contra a mulher.

A legitimidade da masculinidade se concede a si mesma, não será concedida jamais as mulheres como entes autônomos. Por isso nosso projeto político civilizatório não pode continuar sendo gerado no espaço masculino da feminilidade. A leitura imposta da

existência de dois gêneros que dialogam, negociam ou geram uma estrutura social tem sido parte importante das estratégias da masculinidade para manter a submissão, a obediência, a docilidade das mulheres e sua forma de se relacionar com elas e com o mundo.

Nossa história de mulheres é uma reiteração sucessiva de derrotas, mesmo que queiramos ler com ganância as supostas vitórias e avanços das mulheres em espaços de poder, eles seguem marcados, gestualizados e controlados como sempre pelos homens. Não podemos esquecer que já no século XV Cristina de Pizán afirmava que: “só saindo da ordem simbólica dos homens e buscando um discurso cuja fonte de sentido estiver em outra parte, seria possível rebater e se afastar do pensamento misógino baixo-medieval”. Essas mulheres sustentaram por séculos nossas lutas, com praticamente os mesmos discursos, pensando que avançávamos a uma mudança de nossa situação. Por essa história e os custos que tiveram para tantas mulheres, deveríamos encontrar as chaves de nossas derrotas, ao invés de cair em análises triunfalistas.

Quando falo de derrotas, me refiro a não termos conseguido nos aproximar de um diálogo horizontal, o diálogo a partir do feminino como parte subordinada de uma estrutura fixa não pode estabelecer um diálogo fora da masculinidade, já que vive dentro dela, em seu meio, seu limite, ali se acomoda uma e outra vez, portanto, não pode criar-se independentemente como referente de si mesma. Não conseguiremos desmontar a cultura masculinista, sem desmontar a feminilidade.

A construção e localização que se tem feito de nós como gênero não é neutra, a masculinidade necessita colaboradoras, mulheres/femininas, funcionais a sua cultura, sujeitos secundarizados que focalizem sua energia e criatividade em função da masculinidade e suas ideias.

As mulheres que saem dessa estrutura simbólica masculinista atentam contra a estrutura geral do sistema e sua existência. Por isso a perseguição histórica e virulenta contra elas, que transpassa os limites do público invadindo suas vidas privadas, tem características que nunca tiveram as perseguições aos homens, porque entre eles existe a legitimidade do poder e sua hierarquização.

Os lugares históricos da masculinidade e a feminilidade não são inocentes, para o sistema é funcionalmente necessário que as mulheres ocupem os lugares que os homens já não necessitam, os lugares simbolicamente sujos, me refiro a lugares como os exércitos, a polícia, a mão de obra barata para indústrias e laboratórios contaminantes. O sistema as faz permanecer nesses espaços – e isso que é importante – fixas no estereótipo agudo do desenho da feminilidade.

As pensadoras e acadêmicas que poderiam ter uma visão mais clara da necessidade de uma mudança cultural profunda, se funcionalizam aos últimos pensamentos e teorias

geradas pela masculinidade (desde Aristóteles até Baudrillard) e não se dão conta que a masculinidade as traveste, que estão servindo a ela na ilusão de igualdade e/ou de uma certa diferença igualitária.

A masculinidade como macrosistema segue sendo o que gera, produz e define o que é conhecimento válido e o que não é, mesmo que permita a participação de mulheres nele. Segue sendo a estrutura patriarcal a que legitima ou deslegitima as mulheres que colaboram com ele, tanto na ciência, na literatura, na filosofia, na economia, como nos demais campos. As mulheres que ocupam esses espaços e/ou pequenas elites não conseguem ler sua própria funcionalidade, apesar de persistir o incômodo de estar nesses espaços masculinos. Mas custa tanto sair desse útero masculino que preferem não fazê-lo, nem pensa-lo, mantendo espaços intocáveis, sagrados, livres de qualquer questionamento; a maternidade, sua maternidade, o amor romântico, seu amor, a família e sua forma de relacionar-se - como se o pensamento fosse neutro, executam a operação de somar-se as ideias dos homens. É onde se trai o pensamento político e cultural produzido pelas mulheres, onde perde sua capacidade transformadora e se fixa a permanência do sistema.

A estrutura da escravidão na qual funcionamos se faz cada vez mais profunda, mais oculta, mais travestida e mais sutil. A nostalgia das mulheres a proteção dos homens está muito presente e se traduz nas marcas corporais da sexualidade de dominação. Suspeito e nada inocente é que nos ocorra sempre andar um passo atrás dos avanços da cultura masculina. Suspeito é que se comece a refletir sobre o fim da história, justamente quando as mulheres começamos a recuperar nossa história, quando começamos a agir como sujeitos políticos pensantes. Suspeito é que apareça o pós-modernismo reciclando o que já foi feito e pensado pela masculinidade, armando uma modernidade-masculinidade disfarçada que não é senão um constante retorno, uma modernização pragmática, relativa, que fala da morte das ideologias, quando as ideologias que fracassaram são as dos homens. Nenhuma ideologia elaborada por grupos de mulheres fracassou até então, simplesmente não gozamos mais que o poder das agitadoras, que nunca se transformou num poder real, de prova de outro sistema cultural.

Se seguimos o fio de nossa história, podemos ver que desde o processo agitador do pensamento das mulheres até agora, construímos diversos movimentos pensantes e atuantes<sup>1</sup>. Essa história sempre correu as margens da oficial, por isso me parece duvidoso que às portas do século XXI, a masculinidade pretenda dá-la por terminada, o que significaria que não estivemos presentes nem no início nem no final. Não deixo de suspeitar das políticas de igualdade, ou de diferença tão apresentadas hoje, dentro de um pragmatismo negociável e eclipsante de nossas lutas e de nossas contribuições.

---

<sup>1</sup> O movimento da Querella, o movimento de "las preciosas", o movimento sufragista, o movimento feminista

Devemos ter muito cuidado com as análises triunfalistas de avanço, de lugares conquistados, miragens de uma retirada da velha estrutura patriarcal. O conceito de patriarca pode estar sujeito a discussão, a remodelação, sem dúvida, o que não se tem questionado é a cultura de masculinidade, que segue sendo lida como a única macrocultura possível, a única criada pela humanidade, que tem lá seu triunfo.

A reflexão a partir de um espaço político/cultural não feminizado como lugar de referência é fundamental, por aqui e só por aqui passa a libertação das mulheres e as mudanças urgentes que necessitamos como humanidade. Aprofundando crítica e politicamente o espaço secundarizado que nos foi dado na história, poderemos começar a impulsionar a possibilidade de exercer novos modos de relação e novas estratégias feministas, mais rebeldes, menos recuperáveis.

O pensamento de algumas teóricas feministas está adquirindo esta dimensão de autonomia. A crítica que vem desenvolvendo esse pensamento está criando a possibilidade de exercitar outras propostas civilizatórias. Avançamos para a possibilidade de estabelecer um diálogo horizontal com a masculinidade de um lugar criado externamente a ela, libertando-nos dos nostálgicos desejos de permanecer em uma cultura que, por mais que queiramos ler como nossa, segue nos sendo alheia.

## A CONSANGUINIDADE

Estamos inseridos em uma macrocultura que se constitui por vários sistemas e subsistemas de valores entrelaçados. De acordo com essas ordens, se estruturam as relações entre seres humanos e seus diferentes entendimentos sobre a vida e a morte.

Uma das características dos sistemas é que se institucionalizam através de uma estrutura piramidal que está marcada pelo domínio, valorizando e sobrepondo um sistema a outro, afetando-o e transpassando-o por uma ideia fundamentalista de que a existência é assim, quando na verdade é um desenho cultural. Nos movemos dentro de um grande eixo sistêmico de religiões, Estados, nações, macro e micro poderes onde se estabelece a réplica do sistema em menor escala: a família, que dentro dessa hierarquia de poderes corresponde ao microssistema por excelência e ao lugar de adestramento fundamental, protegido e marcado como espaço essencial dos valores, sendo legitimado através da consanguinidade.

A reprodução não é lida como um ato do humano, senão como um acontecimento sobrehumano: é o milagre da vida. As religiões passam a ser o referente ideológico da exploração sobrehumana do humano. A família se arma desse contexto mítico-mágico e dentro dela se estrutura a base do domínio: os pais – principalmente a mãe – passam a ser mais que responsáveis pelo cuidado com os filhos, guardiões e reprodutores do sistema.

A família é o lugar de origem, a grande referência bipolar, linear, de luta e conflito permanente desde onde lemos e interpretamos a realidade.

Nesse espaço de relação consanguínea o corpo se transforma em um lugar político fundamental, onde se constroem e materializam os valores. É um lugar que nos informa e elabora conhecimentos, que registra lógicas diferenciadas entre homens e mulheres. As mulheres possuímos um corpo cíclico, que nos aproxima a ciclicidade da vida, diferente do corpo masculino, que se faz mais unidirecional e está marcado pelo nascer e morrer. A experiência biológica da maternidade, nós exercendo-a ou não, existe em nossos corpos como potencialidade concreta de continuidade da vida.

Os corpos culturais provêm de uma experiência histórica especialmente diferenciada. Enquanto um provém de uma experiência de poder e onipotência, com uma história escrita e relatada, e o outro provém de uma história de séculos de submissão, maltrato e marginalização. O roubo e uso do corpo da mulher por outro corpo antagônico está demarcado por espaços definidos: o de submissão pelo prazer (a relação de casal, o amoroso, a heterossexualidade), o de uso da reprodução (a maternidade) e, por último, o poder (através da exploração e apropriação do trabalho das mulheres).

Neste jogo cultural, o espaço familiar é básico para assegurar a submissão das mulheres e preservar o modelo de uma sociedade neutra e mentirosa, onde a ideia de homem representa a humanidade inteira, é aqui onde se assenta a ordem simbólica da masculinidade. Essa construção é dinâmica e as mulheres têm resistido a ela, por isso os homens reafirmam seu poder constantemente. A resistência não deixou de existir e gerou um atrito que serviu a masculinidade para rearmar sua genealogia e defender seu poder.

Na ordem da família o homem é o atuante, o sujeito histórico. A mulher é a sem tempo e sem história, aquela que não conta com a possibilidade do exercício humano: pensar e criar. O homem é um crente em si mesmo e sua cultura. As mulheres são crentes na família, ou seja, na cultura dos homens. A mulher tão grande educadora, forma e transmite as ferramentas do sistema, educa os que mais tarde serão seus opressores de gênero. É precisamente esse gesto civilizatório que joga politicamente contra as mulheres, fazendo delas responsáveis pela transmissão de uma cultura que não criaram.

A mãe sistêmica é a que ensina as filhas a obediência como atitude legítima, deslegitimando a rebeldia, mesmo que ambigualmente a compartilhe. As sanções que executa a mãe sistêmica têm conotações distintas para cada sexo, aos homens castiga quando não cumprem seu papel positivo de dominação.

A obsessão do homem por construir cultura e sociedade como preocupação constante de localização e utilização de poder, a adquire através da linhagem do pai, nos ritos de iniciação. As mulheres estão desprovidas dessa linhagem e só lhes é conferida

circunstancialmente quando a figura do homem sucessor está ausente, ou seja, viúvas ou filhas de grandes homens, sempre que esteja dominada sua rebeldia de gênero.

Desde o núcleo familiar se pode reproduzir o conceito a todas as demais: a família militar, religiosa, negra, a grande família nacional. Todos os sistemas tendem a ler-se a partir dessa suposta consanguinidade que vem a implementar e sustentar a identidade comum, estruturas de poder, sistemas concretos onde os laços consanguíneos são inegociáveis e constroem por sua vez outros lugares imóveis e inegociáveis.

Essa ideia de consanguinidade, que torna anticultural as experiências homo-lésbicas, é a mesma que produz em certos espaços de margem cultural a nostalgia da família como lugar de pertencimento, apesar de ser a executora do castigo.

A ideia de consanguinidade estabelece como fato construtivo a marca irremovível do sangue, mesmo que não garanta laços entre as pessoas, nem o entendimento entre as/os indivíduos/os. O que produz tal entendimento corresponde melhor a laços eleitos de um valor compartilhado. Se pode afirmar que a consanguinidade funciona como um eixo ideológico que responde a um sistema de valores construído, onde o sangue estabelece como conceito a igualdade e a diferenciação, ao mesmo tempo que constituem um gesto essencialista e perverso. É aqui onde os conceitos de igualdade e liberdade são perturbados com lealdades que apelam a consanguinidade e não a reflexão.

Desta maneira, nós mulheres gozamos de uma igualdade de sentido mais desigual da história, incluindo hoje esse sonho de igualdade que tem como referência o modelo masculino, ou seja, as mesmas aspirações e sonhos de empoderamento.

O conceito de consanguinidade substitui o vínculo de pensamento e palavra, por um fator biológico que sobrepõe a capacidade de entendimento dos humanos uma condição biológica mítica. Por isso tem tanto sentido o sangue em sua relação com a vida, pois é através do sangue que transmite o poder, tanto da família quando de suas réplicas em maior escala – reinos, Estados, classes, castas, raças, etc. –, que estratificam e põe em atrito a sociedade diferenciando-a negativamente e constituindo cortes/conflitos, montados sobre a desconfiança. Conceitos que se erguem fundamentalmente para instalar a legitimidade da exploração sobre os que menos possuem. Nesse ponto as mulheres somos um lugar de controle, para que essa sociedade estratificada possa fazer funcionar a maquinaria sádica da masculinidade.

## FORÇAR A VIDA: EXERCÍCIO DA MENTIRA

### ABORTO: UMA PALAVRA SANGUINÁRIA, HOMICIDA?

O aborto se apresenta como uma traição à vida, mas mais que tudo, a traição da mãe – a menos perdoável de todas –, a que, tendo a ordem divina e cultural de parir, nega a

potencialidade do nascimento de um sujeito. Essas leituras simplistas e demagógicas sobre o aborto, legitimam as exigências de vida na cultura da morte, cheia de transgressões básicas acerca da vida que já existe, criadora de guerras, fome, cárcere de menores, orfanatos subumanos, perseguidoras de raças inteiras. Uma cultura que não resolve os problemas da humanidade, que não conseguiu alcançar a paz, nem a igualdade social e que, além de construir essas desigualdades, se coloca no direito de nos sancionar e negar a responsabilidade sobre nosso corpo, nos tirando toda a potência do que constitui um ser humano: a liberdade.

Não é um ato inocente que de tempos em tempos se volte a atacar o aborto de forma mais inquisitiva, mostrando as contradições de um sistema doente, mais conservador em suas propostas e mais libertino nas sombras da ilegalidade. O sistema constrói artificialmente suas próprias contradições, para não ter que resolver os problemas mais básicos e fundamentais como o direito a comer e de uma vida humana.

Essa mesma cultura que proíbe o aborto, é a que dedica milhões de dólares para clonar seres humanos sem pecado concebido. E não é uma metáfora à possibilidade de criar seres humanos sem a necessidade do sexo, pois o sexo – e isso o sistema sabe de cor –, é um dos principais espaços onde se constroem os poderes, por isso busca com tanto afincamento o controle da vida e do corpo.

Pobre de nós, mulheres, no dia em que nos obriguem a abortar quando os controladores descobrirem que o planeta está superpovoado, como já acontece em algumas partes do mundo. Então, toda nossa luta pelo direito ao nosso corpo e plano de nossas vidas será ordenado, controlado pelo mesmo sistema, mas na ordem inversa.

Quando o mesmo sistema necessita polir e manter sua ideologia, abre os debates que lhe convêm, para poder se reinstalar, modificar e aprofundar o sentido comum já instalado, para que não se escape ninguém. Para isso, abre-se publicamente o tema do aborto, como qualquer outro tema que atenta a seus conceitos normativos – homossexualidade, lesbianidade, sexo não reprodutivo, eutanásia, etc. –, só se faz para reinstalar o repúdio e o conceito de assassinato. Para isso, conta com a ressonância ideológica no imaginário coletivo e com o medo do poder e sua moral castigadora.

Neste debate, somos nós que as que temos que instalar um novo sentido comum. Tarefa infrutífera, pois o sistema nos dá e tira a palavra quando querem. O único narrador possível é o sistema, que conta com seu próprio tempo.

A possibilidade de gestar é um problema de liberdade, é o nosso corpo e não dos homens o que engravida, é o nosso corpo que amamenta, está na nossa consciência corporal e finalmente somos nós as responsáveis por esta vida gestada. Por isso, é

muito suspeito que apareçam campanhas de paternidade responsável ou de direitos reprodutivos como um direito individual, moral e não uma questão social e política.

Cada vez que se demanda a responsabilidade social e cultural sobra a natalidade com dignidade de vida, de respeito aos seres humanos, o sistema volta a estabelecer o tema do aborto como questão individual, não social. Portanto, precisamos revisar e adequar nosso pensamento. Na cultura vigente, o aborto já está colocado como um assassinato, já está inscrito como um ato sanguinário e qualquer possibilidade de discussão será manipulada para recolocar a ideia de crime e pecado. O sistema não vai modificar essa concepção, não vai negociar esse ponto, pois é o nó político e religioso onde constitui o conceito de feminilidade e de maternidade. A simbologia essencialista do amor e a culpa onde nos tem colocado é um dos pontos de onde a masculinidade constrói o domínio sobre metade da humanidade, é parte de sua essência, essa é sua ganância, aí se localiza o poder sobre as mulheres, e se é coerente consigo mesmo, não pode nos dar consentimento, nem permissão, a não ser, certamente, que nos tire a maternidade, direção que tem tomado a engenharia genética.

Obrigar a vida é um ato onipotente, avassalador e autoritário, consequência das falhas de uma sociedade frágil em seus valores e crenças. Numa estrutura social, política e econômica que está concretamente destinada para poucos, a proposta de respeito aos seres humanos é intrinsecamente falsa. Estamos permeados pelo exercício da mentira, por isso, proibir o aborto e mantê-lo na ilegalidade é fundamental para que a maquinaria masculinista siga funcionando, assim como proibir o suicídio, a eutanásia e todo o direito de decidir sobre nosso próprio corpo e vida.

Existe um gozo com a dor do outro, com o prolongamento dessa dita dor, pois a dor não pensa, dói em si mesma. Essa é uma sociedade construída em um sistema antiquíssimo de vigilância e proibições. Que entende a vida como uma passagem dolorosa, culposa, estranha, como se o propósito de nossa vida pertencesse a um outro, a uma enteléquia<sup>2</sup> não identificável. Cada vez estamos mais prisioneiros desse sentido comum instalado e controlador, que filtra e permeia até o mais íntimo e sagrado de nossas vidas, por isso a liberdade está cada dia mais distante e é tão temida.

## A UTOPIA DO FIM E PRINCÍPIO DO SÉCULO É O GOL

Isto de as mulheres começarem a migrar para os campos de futebol, o ringue de boxe, o exército – espaços demarcados, conformados e gestualizados pela masculinidade – merece uma reflexão, porque quando se enrijece o espaço político, e a desesperança

---

<sup>2</sup> *Entelékhēia*, de *en*, 'dentro' + *telos*, 'finalidade': *entelos*, 'finalidade interior' + *echein*, 'ter' – segundo Aristóteles é a realização plena e completa de uma tendência, potencialidade ou finalidade natural, concluindo um processo transformativo de todo e qualquer ser animado do universo. É o ser em ato, isto é, plenamente realizado, em oposição ao ser em potência.

da massa é total, aparecem estes circos romanos. É claro que as mulheres se sentem atraídas pelos espaços que nunca ocuparam, e aqueles que têm sido sempre espectadoras, elas não tiveram a experiência de estar em uma equipe vestindo a mesma camisa, reconhecendo-se a si mesmas e a outras como capazes. No entanto, esta experiência serve apenas para os homens corroborarem o discurso moderno da igualdade. Estas conquistas travestidas validam a cultura dos homens, submetendo as mulheres ainda mais. Como exercício de trânsito pelos cenários masculinos, não é ruim, o perigo reside em imitar a cultura masculinista e os seus valores como um campo de treinamento do domínio, pois os esportes nascem e se perpetuam através do entretenimento simbólico da guerra: somente um derrotando o outro. Na última Copa do Mundo, o que nos foi transmitido? Sendo a França o berço da revolução, da liberdade e depósito da cultura centro-europeia, aparece na cerimônia de abertura quatro gigantes homens que invadem Paris para convergir no centro da cidade como representantes das raças e culturas dos quatro continentes: o índio, os negros africanos, os brancos da Europa e os asiáticos. Estes quatro gigantes simbolizam a quatro raças do mundo, como se as raças fossem quatro e só de homens, reduzindo os matizes de cada continente e velando novamente as nuances entre homens e mulheres. A presença das mulheres neste show foi simbolicamente evidente, apareceu em um canto, abaixo, em tamanho natural e cresceu até os joelhos dos gigantes. Simbologia que não é neutra pois o mundo corporalizado é lido como um homem gigante e onipotente ao qual não podemos chegar para além dos joelhos. Uma vez finalizada esta breve homenagem que nos fizeram enquanto gênero, as mulheres desapareceram em um buraco no solo, para ocupar assim o lugar de invisibilidade. Estes gigantes simbólicos não são casuais, nem tampouco é uma coincidência que os homens são lidos como "os grandes representantes do mundo". Tal é a onipotência de masculinidade, que na realidade não percebem realmente onde nascem os problemas do mundo, os problemas que a sua própria lógica e dinâmica criam e que, portanto, não se resolverão nunca.

Assim também opera o aparato de exaltação e admiração dos jogadores de destaque no futebol; o amor que têm a si mesmos com expressões sexuais de beijos e abraços na quadra, atirando-se uns encima dos outros. Os discursos dos comentaristas exaltam apaixonadamente as condições físicas destes ídolos, até o momento em que as hordas febris que os seguem —fanáticos racistas, de caráter classista e nacionalista — se concentram agora em uma camiseta, cujas faces pintadas são convertidas em bandeiras.

O esporte conseguiu reunir mais fiéis que nenhuma ideologia, aglomera os desprezados do mundo e os dá a ilusão de glória. Nunca havia existido expressões mais fanáticas, mais maciças, mais homogêneas e mais funcionais para os interesses econômicos que com a ascensão do esporte. Já não há pessoas nas ruas reclamando das injustiças sociais ou dos abismos que hoje atravessam a nossa sociedade. As ruas estão desertas enquanto os estádios estão cheios. O esporte tem também reposto e

legitimado a velha ideia e a prática de venda de seres humanos. O grande paradoxo que ocorre dentro deste jogo é o acesso ao bem-estar de poucos, que a massa aplaude histericamente. Hoje é mais importante um astro do esporte que um ser humano comum, sendo exorbitantemente mais bem pago e mais valorizado pela sociedade. O símbolo do dinheiro está marcando o que passa.

A massa "futebolista", amando os seus semideuses esportistas, exclui os indivíduos, apaga as suas capacidades individuais, anula a visão crítica: o fanático não pensa, não questiona, está sujeito à crença e ao culto, renovando e recriando a ideia de super-homem.

Ter Campeões é importante para um país, através deles se exalta o seu nacionalismo, redefine-se a identidade da União e da superioridade frente a outros povos e, correlativamente, minimiza-se as diferenças sociais e de um projeto político. Discurso sinistro que exalta a juventude, ao mesmo tempo em que a repudia. Não se pode negar que o sistema teme aos jovens, sempre odiado o que não entende, o que é diferente. Usam o futebol para os vigiar, e os estádios para puni-los. Os jovens na fúria exaltada do triunfo ou na derrota devastadora, desconta todas as suas decepções e carências, quebrando a fora, o que lhes quebram por dentro.

Todo este jogo de inventar jogos responde às políticas de um mundo que não lhes dá trabalho, conhecimento, ou qualquer oportunidade. Por isso, através dos estádios, o sistema os institucionaliza, os localiza, os recupera, os deslumbra com fanatismo. É conhecida a história, são conhecidos circos.

Estamos no auge do triunfo de uma cultura machista, racista, classista, sexista, que tem fobia dos jovens e da velhice não triunfantes. E neste jogo de homens, nós mulheres somos apenas suplemento, tendo algumas o acesso às quadras. O velho clichê de que o esporte faz uma mente e um corpo saudável, é mais uma das grandes mentiras deste século, não se pode negar a deformação anaeróbia dos músculos e o corpo usado como máquina de competição, desenvolvido como um produto da indústria, servindo o grande capital e não a humanidade.

A utopia do novo século não é procurar igualdade social ou a rejeição coletiva das transgressões aos indivíduos, aos povos perseguidos ou ao extermínio, a fome, a limpeza étnica, o essencialismo. Todas estas aberrações são silenciadas com o grito de gol, será o gol a utopia de novo século?

# SEGUNDA PARTE

## CRISE DO PENSAMENTO FEMINISTA CONTEMPORÂNEO

---

### UMA GRANDE LUTA DE PEQUENOS AVANÇOS É UMA GRANDE LUTA DE FRACASSOS

Depois do Encontro Feminista realizado em Cartagena, Chile, em 1996, pensei que as feministas tínhamos o desafio de aprofundar nossas estratégias de sobrevivência, fazer coerentes nossos discursos tanto em sua análise crítica, como em suas práticas políticas, para inserir um diálogo entre as diferentes correntes feministas, e deste modo ir construindo uma história visível, esta genealogia que nos falta para existir como proposta cultural. Antes, durante e depois do Encontro da República Dominicana (1999), essa etapa de reflexões pareceu vazia, creio que, ao darmos conta de nossas profundas diferenças políticas, uma certa perplexidade nos paralisa, embora a política sobre mulheres pelo discurso institucionalizado tenha seguido em nome de todas. As políticas dirigidas às mulheres se sustentam nos mesmos fundamentos de sempre, dentro de um espaço desorganizado, estranho, sórdido, hostil e mais que adverso da misoginia. Essas políticas não mudaram nenhum pilar da cultura masculinista, ao contrário, grande parte do feminismo segue se compreendendo como parte da masculinidade, jogando o jogo do poder a partir de uma falsa e estrangeira legitimidade. A partir desse lugar que se leem seus triunfos.

Um dos nossos principais desafios continua sendo desconstruir o espaço simbólico da masculinidade/feminilidade como um só espaço: é a masculinidade que contém em si mesma o espaço da feminilidade

A feminilidade não é um espaço a parte com possibilidade de igualdade ou de autogestão, é uma construção simbólica, com valores, projetada pela masculinidade e contida nela, carente de possibilidade de construir-se a partir de si mesma. Por isso é tão profunda a submissão das mulheres, as que falham em sair da feminilidade, se não têm uma consistência teórica voltam irremediavelmente às ordens estabelecidas.

Temo que a análise de gênero não consiga enxergar a extensão de nossa submissão e nessas condições o retorno constante à nossa gaiola parece inevitável, inclusive para as feministas, pois além de olhar para fora do vazio do não pertencimento da

masculinidade como sistema, se soma uma falta de história política e cultural de mulheres para nos apoiarmos.

Caberia perguntar, o que acontece que nossas lutas fracassam constantemente? Essas voltas às gaiolas conseguem se camuflar e cremos que é uma atuação feminista e que fizemos grandes avanços. Porém, o desgastante ir e vir pelos pequenos poderes da masculinidade deteriora os pactos entre mulheres ou melhor, esses pactos vão se amputando pelo caminho.

Temos repetido as mesmas lutas por séculos e uma certa onipotência nos faz crer que os pequenos avanços são grandes mudanças. É verdade que em alguns momentos as mulheres ocuparam os espaços de poder da masculinidade como a política, cultura, economia, academia, etc., porém sempre socializadas, centralizadas e treinadas no espaço romântico amoroso, a serviço dos interesses da masculinidade e na sua lei de domínio. O discurso amoroso reconstrói constantemente o espaço da feminilidade, configurado em uma das âncoras que nos faz retornar.

A efetividade do espaço amoroso marcado e simbolizado não se modificou minimamente, ao contrário, seus tópicos estão totalmente vigentes. Talvez se tenha modificado algumas formas ou estilos de relação dentro do discurso, mas em sua profundidade não se modificou em nada. É necessário rever esse ponto, porque os desejos estão marcados por ela e é impossível ressignificá-los enquanto não se coloca em questão o poder e suas dinâmicas de domínio. Desta forma, as produções culturais em sua maioria apelam ao drama, a dor e à solidão de um sentido comum instalado, portanto o que se produz no teatro, cinema e literatura, está impregnado pela cultura vigente.

Pensei que as mulheres tínhamos toda a potencialidade de realizar uma mudança civilizatória, por sua história de escravidão, por haver vivido séculos em um espaço estranho. Pensei que tínhamos a potencialidade de mudar essa cultura baseada no conceito de um superior, exercido pelos elegidos e, em algum momento, inclusive cheguei a pensar que estávamos produzindo um sistema ideológico que gestaria a mudança. Porém, por mais libertárias que sejam as ideias, se estão elaboradas dentro da estrutura da masculinidade, ainda que pareçam diferentes e contrárias ao sistema, se criam dentro de sua lógica, e por isso mesmo, não pode existir nenhum sistema dentro da masculinidade que não termine sendo fascista, sexista, essencialista e totalitário, elementos constitutivos e fundamentais da masculinidade. O que não quer dizer que não existam indivíduos libertários, porém o sistema se encarrega de absorvê-los, domesticá-los e invisibilizá-los enquanto sujeitos sociais pensantes contrários à sua lógica.

Neste sentido, o feminismo ainda não se estabeleceu como uma proposta civilizatória de mudança profunda, ao contrário, a grande maioria das correntes feministas têm se

colocado numa posição servil de demandas e em constante espera de inserção, de adaptação dentro das estruturas da masculinidade.

O movimento feminista como movimento social não alcançou autonomia nem independência do sistema, e justamente por isso, não foi capaz de construir uma genealogia de pensadoras. Não é que perdemos essa possibilidade de constituição de um espaço histórico por nossas diferenças internas, tampouco por não contar com uma vasta quantidade de pensadoras, senão porque não conseguimos prolongar seus trabalhos teóricos.

Aqui radica o triunfo da masculinidade que não nos deixará jamais construir uma história paralela a sua história. É mais efetivo nos legitimar parceladamente, nos fragmentar, desintegrar e incluir algumas poucas mulheres na cola da genealogia e linhagem de pensadores, do que nos deixar estabelecer uma história própria.

Não é de se estranhar então que a história está nas mãos do sistema e que será este que se encarregará de destruir todo o vestígio dessa outra história de pensadoras e críticas do modelo masculinista. São justamente estes nós que levam ao ponto de quebra, de auto-traição, e desagregação do movimento feminista, perdendo constantemente sua potencialidade civilizatória.

A intervenção estratégica e contínua da masculinidade é a que instala a traição entre as mulheres, e esta tem sido – não sejamos ingênuas – a velha artimanha de desmembramento de qualquer movimento que questione profundamente a ordem estabelecida.

Se conseguíssemos construir uma história própria do movimento de mulheres, poderíamos recuperar não somente o pensamento das mulheres inserido dentro da pirâmide masculinista, onde se perde seu conteúdo mais profundo de subversão, mas recuperar a nós mesmas. Desta maneira, e pela primeira vez, estaríamos questionando com propriedade a cultura masculinista e começaríamos a construir uma história própria.

De onde partimos? Se sequer estamos de acordo *em que história estamos*, algumas formamos parte da história oficial (a dos homens) enquanto outras existimos nada mais que como elementos subordinados na masculinidade, sem haver sido jamais parte criadora da história. Esse é um fato que teríamos que reconhecer e que define a posição política hoje dentro do feminismo. Entre essas posições existe um vazio transpassado pela desconfiança de análise. Onde se estabelece essa desconfiança? Como tecemos uma história feminista sem negociar nosso pensamento, políticas e diferenças? É um erro pretender fazer parte de um sistema social e cultural que se gestou, se sustenta e se enriquece sobre a base de nossa desvalorização, exploração e anulação históricas.

Creio que o feminismo das grandes mudanças civilizatórias sucumbiu mais uma vez, desta vez na areia movediça da masculinidade e no modelo *light* de sociedade. Quanto tempo nos irá custar essa nova traição? Séculos, até que apareça outro foco feminista que parta do zero novamente? Como podemos ler como avanço essa sucessão de esquecimento e fracasso, se com todas as lutas de resistência que temos tido não conseguimos sequer que não se arranque os clitóris das mulheres na África, que o tráfico de mulheres se acabe ou que as mais pobres do mundo não sigam sendo as mulheres?

O fracasso não é revigorante, é difícil de assumir, de colocar em palavras, sobretudo depois de o feminismo ter ocupado lugares políticos que tinham a potencialidade de uma mudança profunda. Não houve uma mudança do imaginário coletivo básico e aqui está nosso fracasso. Embora a vida de algumas mulheres ocidentais tenha se modificado em partes, tendo mais acesso comparado a antes em um sistema que segue as mesmas dinâmicas de morte, isso não contribuiu com uma mudança real na qualidade de vida da humanidade, muito pelo contrário, se tornou mais desumana. Neste sentido, nossa incorporação não é um triunfo, é um fracasso, por mais que queiramos ler como um avanço. Se revisamos a longa trajetória do feminismo como movimento político e filosófico, segue faltando o passo de libertação real para não repetir infinitamente através da história essa luta prolongada que termina uma e outra vez do ponto inicial de mudança, para que no fundo nada mude. Desse ponto inicial, a única saída que temos é admitir nosso fracasso, vê-lo com uma perspectiva histórica para abandonar de vez a estratégia ambiciosa da masculinidade, nos dissociar dos que sustentam o poder.

## AS NOSTALGIAS DA ESCRAVA

*“Sem dúvida o fato de que a humanidade tenha uma história (uma origem, um passado e um futuro) é toda uma promessa para as mulheres”*

*Geneviève Fraisse<sup>3</sup> e Michele Perrot<sup>4</sup>*

---

<sup>3</sup> Geneviève Fraisse, nasceu em 07 de outubro de 1948 em Paris, França. É filósofa e historiadora do pensamento feminista. Em maio de 1968 ela foi eleita a aluna número um da Sorbonne, onde seu pai e sua mãe eram professores. Tem diversos livros lançados e seus estudos aprofundados sobre gênero a levaram a colaborar com o livro “História das Mulheres no Ocidente” (1991).

<sup>4</sup> Michele Perrot nasceu em 1928 na França, estudou na Sorbonne onde obteve doutorado. Lecionou na Université Paris VII Denis Diderot. Ela estudou a classe trabalhadora, crime e prisão. Posteriormente contribui para o questionamento do apagamento das mulheres na história, juntamente com Georges Duby, lançando como organizadores a “História das Mulheres no Ocidente”, (1991) em cinco volumes. Tem título de doutor honoris causa em diversas universidades da Europa.

De uma surpresa pouco surpreendente tem sido constatado que o último Encontro Feminista Autônomo da Bolívia (1998), e eu temo que o Encontro da República Dominicana, têm perdido seus avanços teóricos em regressões nostálgicas ao que foram até antes dos Encontros de El Salvador e sobretudo o de Cartagena. Este último ficou suspenso em um certo Triângulo das Bermudas e a política que ali aconteceu vai se afundando no esquecimento. Parece que nesses encontros não existimos como pensadoras e políticas, que o que aconteceu não aconteceu e até poderíamos voltar a denunciar o que já foi denunciado, a escrever o que já foi escrito, a discutir o que já foi discutido infinitas vezes, a começar e recomeçar.

Esta é uma das armadilhas que nos inclina a feminilidade para que pedalemos em grupo, nos dando uma imagem ilusória de um avanço, nos mantendo distraídas com nossas mal negociadas conquistas.

A demonstração no Encontro de Cartagena como uma ação política desde a outra esquina, se faz necessário apagar, pois foi um momento de avanço político, de começar a desatar os nós acumulados. A visibilidade de pelo menos três correntes do feminismo, acabou com a leitura errada de que éramos um único movimento político reivindicativo, com o mesmo interesse comum e com a mesma base ideológica.

Conseguimos em Cartagena nos reconhecer entre as autônomas latino-americanas, preparando o Documento de Cartagena sobre autonomia. Neste momento a menos de dois anos do mencionado encontro, alguns setores do movimento autônomo voltam a confundir o conceito de autonomia, como se o dito conceito indicasse a referência de uma proposta anarco-modernista, que não reconhece suas raízes e nem sua história, e tão pouco legítima a teoria ou o pensamento produzido por todas as feministas. Com este gesto somente apaga as pegadas de nosso território, descontextualizando nossas propostas políticas e fragmentando um Movimento Feminista Autônomo, reflexivo e questionador, enquanto investe contra o institucional e seus costumes. Estratégia do patriarcado que primeiro toma nosso discurso crítico, o adapta, o espreme tirando seu poder transformador, o domestica para logo invocar as nostalgias da escrava e o poder que exerce sobre elas, reinstalando-se ao mesmo tempo. Para ele nega a existência que desde nossas posições, nossas críticas e nossas propostas constituímos uma parte importante e rebelde do movimento.

Os esforços de algumas feministas autônomas por criar um espaço reflexivo são enormes diante dos grupos que funcionam a partir do intuitivo, irreflexivo e essencialista da feminilidade, características que fazem quase que insuperáveis nossas divergências teóricas e políticas.

Depois de todos esses anos de pensamento feminista, da repetição cíclica das dificuldades que temos enfrentado para a auto compreensão, para fazer política, para

dar forma a um movimento nítido em suas propostas frente ao sistema masculinista, constato que o embate contra o avanço vem em grande parte de nós mesmas, do interior das mulheres onde está instalada a submissão-colaboração com a masculinidade, a sua cultura e suas estruturas de poder. O interesse concreto das mulheres de estar no poder e na mira da masculinidade, querendo visibilidade, se sustenta nesse referente que as legitimam e que elas, por sua vez, o legitimam, mesmo que seja debaixo da articulação de uma contraproposta. Neste jogo, o sistema intervém no espaço político feminista, o neutralizando.

Não devemos esquecer que os espaços feministas questionadores são indispensáveis para poder gerar nossas experiências do público, e conseqüentemente, temos que dar as dimensões e a metodologia política que necessitamos para continuar um avanço teórico e desarticular as regressões de nostalgia da escravidão e seu retorno constante a feminilidade, que somente promove os valores da cultura vigente.

Paralelamente as dificuldades que enfrenta o Movimento Feminista Autônomo e a hostilidade desses tempos com os movimentos sociais pensantes, o feminismo institucional está escrevendo nossa história feminista a partir do poder estabelecido pelo hemisfério norte. A Fundação Ford contratou duas acadêmicas de origem latino-americana para que executem esta história, com a mesma metodologia de Beijing, ou seja, fazer entrevistas, elaborar documentos e posteriormente levá-los a discussão com as atrizes, de modo a apresenta-lo legitimado pelo próprio movimento de mulheres feministas. Quem é esse movimento que referenda e legitima? Quem as indica? Como veem a institucionalização está pretendendo retomar as iniciativas para contar nossa história de maneira oficial e responder a seus interesses. É grave que nesse processo participem mulheres profissionais que se dizem parte do movimento feminista, e o que é pior, parte do Movimento Feminista Autônomo, abusando do pequeno poder que temos gerado e desalinhando as propostas do Movimento.

Neste ponto chave é onde se executa esta pseudoinserção disforme que corre por várias pistas por este grande feminismo falsamente inserido, que vai crescendo constantemente. Parece que a penumbra de semi-inserida se acomoda muito a este ser mulher feminista, moderna contemporânea, intuitiva, sem bordas, sem limite e semi-atrevida, que permanece fiel a feminilidade masculina.

O problema da semi-inserção é que necessita, igualmente a inserção, ser bem vista pelo poder da masculinidade para se sentir em existência. O poder masculino segue sendo atrativo e indispensável e, ainda que não se deem conta disso, as mulheres desejam ser parte da legitimidade, seja no Banco Mundial, no Estado, nos partidos políticos, nos restos das esquerdas, nos grupos de intelectuais ou no último guru da moda. Aqui está a armadilha: qualquer grupo que fique momentaneamente fora do poder, não perde necessariamente o desejo de participar dos projetos elaborados pela masculinidade. É a marginalidade institucionalizada.

Não existe outro projeto civilizatório em elaboração e este é o grande triunfo da masculinidade. Nenhum grupo, por mais rebelde que seja o esquema social, tem proposto outro projeto de sociedade.

Por isso mesmo, a relação do feminismo autônomo com as feministas institucionais é complexa. Este é um dos pontos que deveríamos limpar validando nossas existências mútuas, o que não quer dizer que validemos do mesmo modo nossos projetos. É um problema não resolvido e, à medida que passa o tempo, irão se tornar explícita as posições, o que tornará possível a limpeza e, quem sabe, poderíamos reconhecer nossas existências mútuas. No entanto, o difícil, o confuso de delimitar é a semi-inserção das mulheres que falam a partir do feminismo autônomo e rebelde, dissolvendo-nos e dissolvendo nosso próprio território, nossas propostas, nossas reflexões e por tanto nossa história.

Sigo pensando que a autonomia se exerce quando não necessitamos ser validadas por nenhum grupo de machos ou de mulheres inseridas na estrutura de poder. Quando podemos configurar nossas políticas, confiantes em ter um projeto próprio de sociedade humana, justa e atrativa; quando realmente desenharmos e construirmos uma mudança civilizatória, estruturando um saber válido a partir da reflexão e o ensaio, e não desde o ato mágico da mera intuição feminina; quando estivermos em interlocução e interação profunda e expressada, e não vociferada com a sociedade, encontraremos ressonância em um projeto novo de sociedade, que tem no mais profundo as mesmas aspirações de justiça, ainda que o sentido comum instalado não deixe ver as potencialidades de mudança.

Desprender-nos da feminilidade construída e funcional, é urgente e somente poderemos fazê-lo ressignificado nossos corpos/sexuados/mulheres, entre mulheres. Este é um ato civilizatório fundamental para nós, é a única forma de romper a submissão simbiótica à masculinidade e a permanência de sua cultura de domínio.

As dinâmicas que geramos entre feministas têm sido parte fundamental de minhas preocupações para desvendar a estrutura da masculinidade e a construção – dentro desta – da feminilidade. Embora seja verdade, uma das contribuições feministas foi o conceito de: "o pessoal é político" (colocando a vida privada como um fato político em si mesmo e, portanto, da intervenção do público em nossas vidas), temos incorporado a dinâmica do privado no fazer político; a emoção e o sentir como construção feminina, têm sido sobrepostas em relação ao peso das ideias. É aqui que confundimos as dinâmicas que têm o espaço privado, transportando-as ao espaço público. Isso é justamente o que tem feito nossas dificuldades políticas aumentarem sem conseguirmos reverter o que o patriarcado faz tão bem: separar, aparentemente, o privado do político, para reinar nos dois espaços. Está é a armadilha que nos conduz a masculinidade para fragmentar a continuidade do fio da nossa responsabilidade histórica.

Cada vez que temos tratado de sintonizar nossas ideias, nossas lógicas, nossos modos de fazer política, o que umas entendemos pouco tem a ver com que entendem outras, armando-se de um aglomerado de suposições, leituras íntimas que dificultam o fazer político em conjunto. Isto se reforça além disso, porque dirigimos conceitos e limites muito sutis, que fazem grandes as diferenças políticas, éticas, discursivas e práticas, tendo contra si o senso comum instalado de emoção natural que constitui a mulheridade de longa data, a exaltação da mulher pela mulher.

Toda esta história de esforços e fracassos, nos dá pistas de por onde transitar e legitima a vontade de fazer política e recuperar o anonimato de todas as mulheres, que tem pensado e armado nossa genealogia político-filosófica desde o começo do feminismo. Se não aqui, onde? Em que outro lutar podemos construir o desenho de nossa história? Onde podemos desconstruir essa feminilidade masculina em que estamos presas, se não a partir de um espaço político pensante de mulheres. Não a partir da Academia, não a partir de partidos políticos, não em espaços mistos. Primeiramente temos que pensar e simbolizar a gente com base na construção de um pensamento autônomo a cultura vigente. Isto não quer dizer que não tomemos, começando pela autonomia, algumas ideias e avanços da sociedade, em uma dialética constante de construção de pensamento iniciado na feminilidade patriarcal até a ressignificação da mulher pensada por si mesma. Este é o ponto de transformação civilizatória, não a busca de igualdades ou de diferenças dentro do sistema masculinista, dado que uma das coisas importantes que nos foi tirada pela masculinidade é precisamente formar parte da história. Ao dispensarmos ela, perdemos o sentido de espaço-tempo, de transcendência e de ideias próprias sobre nós mesmas. Sem essa base e sem o fio de nossa historicidade de movimento social, o fazer político feminista acaba sendo um jogo de reação que depende da possibilidade e seus poderes, é aqui onde nos cortam o voo renovador que têm as novas propostas.

Existe um gesto inconsciente e funcional em nosso longo caminho, de não dar continuidade a um pensamento acumulado por séculos. Voltamos nos mesmos temas, uma e outra vez, sem reconhecer as contribuições teóricas de mulheres que vem dando lutas fundamentais para nossa história, como as mulheres da *Querella* ou pensadoras contemporâneas como Adrienne Rich, Kate Muller, Celia Amorós, Luisa Muraro, Maria Milagros Rivera, Luce Irigaray, Simone de Beauvoir, entre outras. Por que não lemos e conhecemos melhor as teóricas do feminismo, que são nossas contemporâneas e que vem desemaranhando os fios do sistema, não somente no discurso, mas com ações concretas e políticas. Por que tantas feministas sabem tão pouco sobre feminismo? Por que tantas mulheres não conhecem nem reconhecem a história de onde originam, entregando a palavra às pessoas que não têm estudado, nem se aprofundado no feminismo e que não sabem nada sobre ele?

Está nítido que estamos vivendo um tempo difícil para o pensamento e os movimentos sociais que propõem a desconstrução do sistema, como o Movimento Feminista Autônomo. Portanto é arriscado que nossas estratégias políticas sejam mal avaliadas, sem consciência do que isso significaria politicamente para o futuro da humanidade.

Me pergunto: qual é esta armadilha do esquecimento que apaga nossas pegadas? Como parte de uma feminilidade natural, dessa mulheridade que nos deixa presas e que nos faz cair nos cortes/conflitos geracionais, que são tão úteis para a masculinidade e que têm custos graves para as mulheres nesta história sempre fragmentada, nunca na ponta da língua e sem reconhecimento de trajetórias, que nos faz perder as pistas ao cair em um igualitarismo equivocado. Tudo isso nos impede de armar um corpo político que se contraponha e resista a reestruturação e reorganização constante do sistema. Me refiro a urgente necessidade de dar forma a um pensamento feminista autônomo e independente que proponha novas estratégias frente aos discursos duplos da macrocultura masculinista, que nos arrasta cada vez mais a um sistema onde, pouco a pouco, nossas pequenas conquistas serão revertidas.

## A DEMARCAÇÃO: COMO MARCAR NOSSOS LIMITES

Nos últimos tempos, em relação as diferentes correntes que o pensamento feminista foi criando, o tema dos limites produz muito mal-estar entre as mulheres, porque expressar diferenças é aceito como um desdobramento discursivo sobre o amor, a tolerância, a amplitude e a democracia, ou seja, um discurso inclusivo onde tudo cabe. Se dessas expressões de diferença nasce a necessidade de estabelecer limites, imediatamente se produz um mal-estar que resulta em um discurso raivoso e personificado, as pessoas se sentem medidas, classificadas e por último excluídas, que se traduz num sentimento de repúdio e em não assumir as diferenças e seus protagonistas. Certamente que aqui também está em jogo parte do mínimo poder que criamos.

A falta de limites é e tem sido uma das chaves mais importantes da construção, constituição e criação da feminilidade, que marca nossos corpos sexuais pela culpa e nos identifica como objetos disponíveis a serem pegos para sempre ou por um tempo, com ou sem nosso consentimento. Creio que colocar limites em nossas vidas é um aprendizado novo e difícil. Não sabemos exercer esse direito de individualização sem nos sentirmos culpadas por escapar da estrutura da feminilidade, desenhada para a entrega total, através de amores e maternidades exercidas sem restrições.

Na história das mulheres, a que transgride essas linhas e sai do espaço demarcado da feminilidade, se situa em uma perigosa fronteira, onde perde violentamente a solidariedade de quase todo mundo, inclusive das próprias mulheres, cuja solidariedade tem um limite claro dentro do espaço simbólico da feminilidade e das regras do amor e da família.

Os valores com que o Sistema nos lê e com o que nós nos lemos, se relacionam com a incondicionalidade da feminilidade. Em nossa memória ainda residem as fidelidades absolutas ao corpo masculino e através dele, sua cultura e seus projetos de sociedade. Cultura que se entende como a única possível.

A masculinidade constrói a civilização pela exclusão, exploração e pela violência, baseadas em seu sistema de domínio. Essa é sua lógica, assim entende a vida, na trama de uma razão fragmentada, piramidal, onde os limites se convertem em muros, enrijecendo e estratificando aos seres humanos.

Os homens se concederam espaços próprios, criaram territórios, estratificaram e delimitaram seus mundos para desenvolver-se, pensar-se e simbolizar-se e, ao mesmo tempo, puseram limites claros a necessidade de individualizar-se como pessoas e sujeitos políticos. Esses espaços foram constituídos e simbolizados sem a presença e participação das mulheres.

A masculinidade se construiu a partir de uma lógica anti-mulheres, especialmente em termos coletivos, já que individualmente – não sempre – resgata mulheres em sua propriedade: como a mãe, a esposa, a filha.

Essa misoginia com que se fundou o patriarcado permeia todo o sistema. A acusação banal de “anti-homem” que, nós feministas radicais, somos constantemente taxadas com impaciência e costumeira desqualificação, tem afetado as mulheres em sua legitimidade e aos espaços que necessitamos para entender-nos e entender a feminilidade, para nos desprendermos dela e inventar outras ideias sobre nós e nossa história.

A masculinidade conseguiu instalar a ideia histórica de que os homens são os únicos que trabalham, os que nos têm mantido e que tem tido a responsabilidade da produção. A feminilidade, portanto, está em condição de débito e de colaboração, nos situando no espaço da dependência. Assim, os homens, especialmente os brancos, estabeleceram limites profundos e obscuros para permanecer no poder e nos manter – através da construção desta feminilidade – tanto fora desses limites, como do criar, do pensar (pensarmos em nós) e, certamente, de fazer sociedade.

Nenhum homem vive a experiência que tem uma mulher quando entra no mundo do pensamento, quando vai em busca do saber, dos que pensaram e criaram, os grandes homens (filósofos, escritores, cientistas, entre outros) que constituíram nossa cultura e suas ordens simbólicas e valores. Toda mulher, nessa busca, se encontra desde o início não só com a exclusão, senão com o insulto, a desqualificação e a humilhação profunda de deslegitimação da nossa condição de humanas.

Estamos quebrando e subindo muros para chegar nos espaços masculinos de poder e sua cultura, processo que tem sido importante para nos entendermos dentro da

masculinidade patriarcal. Entretanto, esse processo tem tido altos custos, ao colocar grupos de mulheres no patriarcado, funcionalizando as contribuições do feminismo e convertendo-as em meras colaboradoras.

No que temos avançado, o mais importante tem sido construir espaços políticos próprios, onde pensamos em nós e atuamos com outras mulheres, onde desafiamos feminilidades, conhecendo-nos e reconhecendo-nos como seres humanas completas. Desse lugar poderemos reestabelecer relações com o conjunto dos seres humanos, em um plano horizontal e na comodidade de uma outra cultura, que agora sim vamos estar incluídas e pertencentes.

A capacidade de ressignificar a nós mesmas nos dá um poder próprio, livre e autônomo, sem referência a masculinidade. Portanto é um poder inédito e um espaço onde é possível criar nossa capacidade civilizatória.

Quando colocamos limites claros e eles são expressados nós o aceitamos porque, por sua vez, vão constituindo nossos próprios limites/liberdades nos diferentes grupos humanos, já que nossos limites são vizinhos de outros limites. O problema surge quando é o Poder quem impõem limites, construindo assim os cortes/conflitos.

Os discursos que constroem e transformam esses limites em muros essencialistas sugerem condições naturais e/ou divinas para fazê-los imóveis às mãos humanas. Por exemplo, os negros são frouxos por natureza, as mulheres intuitivas e na divindade – outro espaço imóvel – representamos a tentação e o castigo. Esses muros prendem a vida e a imobilizam em espaços de estagnação, produzindo exclusão, exploração, racismo, classismo, sexismo, etc. Da mesma forma, o suspeito discurso, difuso e inclusivo, das bonitas e os bonitos, as mulheres e os homens, que cita sua parte feminina, apaga os limites e se funda em sentimentos amorosos românticos, como se esses não fossem o resultado de ideias que nos prendem em uma comodidade viscosa, nos desresponsabilizando do que vamos construindo como sociedade.

Esse problema nasce na lógica de domínio em que se sustentam esses discursos, transformando-os em muros. Existe um muro especialmente conhecido por nós: o muro casa/rua, que sempre nos tem mantido excluídas da rua/praça, um lugar do saber, de organizar a sociedade e fazer política.

Historicamente o muro nos deixa fora, ou melhor, "nos deixa portas adentro". Então não vamos nos surpreender – com a história de prisões, designada e simbolizada por outros – que no processo de libertação, a grande maioria das mulheres não queira saber nada de limites e que o tema as deixe nervosas, porque todas sabemos o quanto limitadas/ilimitadas ainda estamos e como constantemente voltam a nos deixar presas nesse jogo duplo. Então como não cair no reativo/inativo, tudo fechado e/ou tudo aberto?

Esses muros contêm uma lógica de guerra, estão dados num jogo de tomar e defender. A história patriarcal é uma história de muros: o muro de Berlim, o muro do Rio Grande, a Muralha da China, os muros dos castelos. Um maior que o outro, alguns mais atuais que outros, mas todos confinam espaços de poder e dominação, constituindo modos de vida que respondem a divisões voluntárias e hegemônicas das potências masculinas e seus interesses.

Hoje parece que o processo de globalização sugeriu a destruição desses muros, porém o que o poder tem feito é desmontar alguns para montar bloqueios maiores e mais poderosos. Só destrói algumas fronteiras para se empoderar (estratégia tão recorrida no feminismo e recuperada pela masculinidade?!). Os muros de hoje, mais do que os de antes, se multiplicam e se constroem principalmente em relação a pobreza e ao saber.

O Movimento Feminista Autônomo é um espaço delimitado, onde a atuação é uma necessidade e uma responsabilidade para constituir um poder transformador que afete o imaginário coletivo. É na construção desses espaços de atuação em conjunto que iremos construindo a amizade política, que desmontará a desconfiança e a traição entre mulheres. Desmontar a ordem simbólica da feminilidade é um dos territórios políticos mais importantes para a construção do Movimento Feminista Autônomo e Independente, muito mais importante que ascender às pequenas parcelas de poder que a masculinidade nos dá. Nosso fazer político segue marcado pelo amor incondicional feminino, por esse saber amar das mulheres. Quanto tiveram que negociar nossas avós, mães e cada uma de nós, atribuindo ao amor o culto do respeito à falta de respeito e dignidade por parte dos homens e das próprias mulheres?

Devemos entender de uma vez por todas que o que nos constitui como espécie humana é a capacidade de criar, pensar, nos comunicarmos, elaborar modos de nos relacionarmos, identidade e lar, ou seja, de criar uma cultura.

Essas não são condições exclusivas da masculinidade, apesar de que tenham se apropriado de todas essas capacidades do humano, e as exerçam a partir de uma lógica de domínio, que constitui finalmente uma macrocultura guerrilheira, racista, misógina, estruturada em hegemonias, depredadora de sua própria sociedade e dos corpos que nela contém.

A atribuição do caráter humano a um só grupo sexuado é produto de uma cultura dirigida por homens em uma lógica dominante e excludente. O perigo começa onde, a partir do feminismo seguimos sancionando e rechaçando essas qualidades criadoras (aparentemente masculinas), sem visibilizar a lógica que constitui a masculinidade e sua cultura de domínio. Se exalta como contrapartida o feminino intuitivo e irracional, tem brosammente construído nas fantasias do patriarcado, que estigmatiza de

autoritária e patriarcal qualquer mulher que assuma as qualidades de pensar, criar, falar e organizar-se. Quanto mais independente da masculinidade, mais reprovada é.

Quando fazemos política e desenvolvemos ideias, temos que marcar diferenças, por limites claros entre umas ideias e outras, entre o que aceitamos e o que não aceitamos como limites éticos. Julgamos o que consideramos prejudicial e feio para a humanidade e para nós mesmas. Nossos discursos e nossas ações marcam espaços com limites, queiramos ou não, e quanto mais conscientes estivermos disso, mais claros serão os limites e poderemos conhecê-los e demarcá-los melhor.

O que tem acontecido dentro do movimento feminista é não assumir nenhum limite. Todo limite tem a ver com a construção de uma ética. Neste fazer política demarcando territórios, devemos prestar atenção em como revemos e processamos a informação que vamos aprendendo no ato de fazer e que nos faz tecer novamente o íntimo, o privado e o público. Ir transformando nossas relações com os outros e com nós mesmas, nos deixando fluir de um espaço a outro, sem confundi-los, sem negar nem enclausurar qualquer um deles, é o que nos diferenciará do que hoje acontece no fazer político dominante, esquizofrênico, onde o que se propõe é o contrário do que se faz.

Até agora dentro do movimento feminista, temos convocado as mulheres com uma mensagem dupla: os espaços libertários e prazerosos das nossas histórias de oprimidas, estimulando-as a romper os limites/ilimitados que os homens colocaram em nós e que temos internalizados. Porém, a maioria das feministas terminam por propor políticas baseadas em nossas carências, listas de demandas por igualdades que nos fazem perder de vista a política e que terminam por nos fragmentar dentro da feminilidade.

A medida que vamos avançando e aprofundando os limites entre pensamento e reprodução da feminilidade, iremos exercer nossas capacidades do humano, pois, justamente porque estamos exercendo essas capacidades, é que nos vemos desafiadas a delimitar nossas diferenças políticas, que são básicas e profundas, e que nos fazem compreender que não por possuímos um corpo sexuado de mulher, permanecemos juntas nesse fazer política.

Os pequenos poderes constituem um dos problemas que enfrentamos: as mulheres se agarram a qualquer pequeno poder, que não é mais que o que historicamente tivemos, disfarçado de amores e maternidades. O poder exercido em plenitude pelos legítimos governantes, militares, eclesiásticos, etc. é visível, tem suas ferramentas claras, é forte, violento, desumanizado e reconhecível. Porém, este outro poder de que falo, suave e agachado, é que tem permeado as mulheres e grande parte do movimento feminista em sua história, em sua memória, em seus lares e seu caráter. Há aqui outro espaço político para trabalhar.

Quero exemplificar e me responsabilizar sobre o que digo, não quero fazer política com uma mulher que não tenha uma reflexão clara sobre o aborto e que não aborde nessa reflexão o direito que tem cada mulher sobre seu corpo, sobre seu destino e sobre suas decisões, pois ninguém tem direito, nem propriedade sobre nenhuma pessoa. Não quero fazer política com uma mulher neoliberal, classista, racista, misógina, etc. Posso, quem sabe em certas circunstâncias, fazer uma campanha sobre uma demanda específica para as mulheres em uma melhora relativa e imediata de seus cotidianos, sempre que seja uma negociação com limites claros e que não me surpreenda me colocando em algo que faça permanecer vigente esse sistema social cultural machista depredador, ao qual não só não vou aderir, nem acredito passível de mudança e ao qual responsabilizo, aliás, grande parte das misérias as quais chegamos como humanidade.

Existem muitas coisas que tenho aprendido nesses anos, algumas não quero repetir, porque minha avaliação é que terminaram sendo funcionais ao sistema, algumas dessas funcionalidades correspondem ao nosso processo interior de movimento e outras dizem respeito a nossas políticas públicas. Não quero estar em nenhum espaço político onde a dimensão política é fazer política e o entendimento de política seja focalizados nos poderes institucionais ou que, como contraponto, se focalizem nos espaços privados (o casal, o sexo e/ou a família). Não quero fazer política com pessoas que embora falem da importância do movimento de mulheres e do movimento feminista, seus compromissos não estão na construção desses espaços e sequer os respeitam, irrompendo neles só quando lhes são úteis. Sobretudo, não quero fazer política com mulheres que não questionem a feminilidade, nem assumam uma militância política feminista responsável, crítica e avaliativa.

O feminismo é um lugar histórico que tem produzido diferentes perspectivas ideológicas, filosóficas, econômicas e políticas. Quando foi possível demarcar essas diferenças, gerou-se correntes que o enriquecem e multiplicam. Capitalizar esses conhecimentos, saberes e poderes em um só grupo hegemônico que se apodera do movimento e o negocia, é justamente voltar a fazer política patriarcal sem limites, onde não se apresenta contra o neoliberalismo, o sexismo, o racismo nem o classismo e, o que é pior, reinsere constantemente a feminilidade.

Por isso a palavra militância me dá náusea, porque evoca a adesão incondicional ao sistema de poderes estabelecidos: partidos políticos, igrejas, militares, etc. A militância é machista e patriarcal em sua totalidade, já que nem os partidos políticos nem as religiões desmilitarizaram suas influências, porque não foram capazes de se interrogar e repensar a lógica/linguagem de domínio que constituem.

Como podemos ressignificar um compromisso de outra perspectiva, em outra esquina, sem cair na irresponsabilidade que tem tido parte do movimento feminista, onde fácil e periodicamente se abandona esse fazer política, sem dar a ele a prioridade e

continuidade que merecem em nossas vidas, deixando poderes e saberes soltos que se acumulam sem nenhuma perspectiva feminista transformadora, por qualquer pessoa ou grupo político.

Para nos aproximar de outras/os precisamos do corpo que nos contém, com ele tocamos a vida. Nossa pele é um limite, embora não terminarmos nela. Nossa pele é o limite que marca nosso próprio território corporal e logo vem se aproximar das outras/os. Do mesmo modo, necessitamos corporalidade política, um território de existência demarcado, a partir do qual estabelecemos nossas próprias propostas políticas civilizatórias. O limite é um ato de pensar que constrói éticas e liberdades.

A palavra que constitui o pertencimento ao Movimento Feminista Autônomo terá que se referir a uma continuidade que legitima a história do movimento feminista e do grupo no qual se faz sua atuação. Uma não pode se ressignificar sozinha nem em grupos de mulheres unidas pelo trabalho, pela família ou ajudas filantrópicas (*monjas, damas de rojo* [grupo de voluntárias em hospitais], etc.), isso tem que ser através de uma atuação feminista entre mulheres e com o reconhecimento de capacidades e saberes, autoridade e autorias, com nomes e sobrenomes. Aqui está um outro território a ser remarcado, ressignificado e, finalmente, renomeado.

Essa atuação feminista nos materializa individualmente e nos constitui em grupos políticos, reconhecidos e diferenciados, que nos tira da massa amébrica. Nesses espaços demarcados poderemos, finalmente, construir a amizade política entre mulheres que desconstrua, por sua vez, a misoginia e a traição entre mulheres.

## SOBRE AS ALIANÇAS

Pensar em alianças possíveis dentro da cultura masculinista é um gesto ingênuo, temos que nos convencer disso e assumir nossa ação política a partir de outros territórios, para interagir com o restante da sociedade, para ir inserindo nossas propostas no imaginário coletivo. Esta ação política pouco ou nada tem a ver com as propostas geradas dentro da masculinidade, embora a masculinidade sempre nos queira em suas alianças, em pactos históricos, onde temos sido a força colaboradora da sociedade masculinista, na guerra, na produção, na moral, na ecologia, na igreja, na educação e assim infinitamente.

Como indivíduos alguns homens podem ser grandes aliados, mas não no coletivo, pois nesses espaços recuperam e retomam a memória da masculinidade. O pacto entre eles recoloca em posição secundária a colaboração com as mulheres.

Os espaços políticos organizados onde nos convidam a participar, deveriam ser para nós apenas lugares de observação, para conhecermos sempre mais sobre os poderes da masculinidade, suas dinâmicas, seus códigos, mas sem confundir a demanda de participação e de colaboração, e sem colaborar com nossas ideias, pois estas serão

utilizadas e tomadas infelizmente sem suas lógicas transformadoras. Nestes espaços se instalam os privilégios do patriarcado sejam de direita, esquerda, ecologistas, feministas, etc. Com estas mulheres se entende o sistema masculinista, porque respondem à memória de relação entre a masculinidade e a feminilidade. São estas mulheres que o sistema masculinista legitima, e são estas as que finalmente negociam o resto das mulheres e toda a potencialidade da mudança civilizatória.

O sistema jamais concederá nem o mínimo espaço de visibilidade às radicais, já que obviamente suas propostas atentam contra ele, porque a proposta radical feminista é justamente desconstruir a mesa onde o poder patriarcal se apoia, onde convida a conquistar a cotoveladas um lugar.

Nossa proposta é construir outra mesa que não esteja carregada e marcada pelas sobras do poder masculinista. Onde ao contrário temos aprendido a repartir tão mal a comida, onde sempre o prato maior é de alguns.

As que se organizam dentro do sistema, embora pretendam fazer resistência ao modelo neoliberal, considerando em seus discursos parte do desconforto popular, não contam com uma proposta realmente alternativa, porque elaboram estas propostas dentro da cultura vigente e de suas dinâmicas de domínio. Elas se estruturam a partir de reivindicações e não a partir da mudança do imaginário e fundamentalmente da mudança da lógica do sistema patriarcal. Por isso as revoluções da modernidade têm fracassado e prevalece o modelo mítico da superioridade masculina.

Porém, há gestos políticos que transpassam esta legitimação do modelo, quando o movimento negro nos Estados Unidos disse: o negro é bonito, deixaram de perguntar aos brancos (o sistema) que os legitimou, e começaram a construir uma mesa diferente, mas como todo gesto político elaborado dentro da masculinidade, finalmente tornou-se parte dessa cultura, como tantos outros movimentos revolucionários. Diferente foi quando Adrienne Rich rejeitou a Medalha Nacional das Artes que devia receber em mãos do presidente Bill Clinton, dizendo: “Tenho profunda fé na inseparabilidade das artes com a sociedade. Não posso receber um prêmio do governo enquanto vejo tanta gente marginalizada, usadas como bode expiatório e assediada. Não sinto que possa aceitar uma medalha quando esta política é aplicada”.

Estes gestos transcendem de um lugar diferente e nos reivindicam, as feministas autônomas e independentes, legitimando nossas críticas, nossas políticas e dando conta das/dos que se fazem cúmplices das políticas hegemônicas.

Nosso desafio passa por esta capacidade de nos repensarmos como sujeitos mulheres, apenas o poderemos fazer se estivermos dispostas a viver a vida como um destino modificável.

## DESDE A OUTRA ESQUINA

Falo de um lugar muito bem definido, que é o Movimento de Mulheres Feminista Autônomo e Independente (MOMUFA), no qual faço minhas práticas políticas, participo enquanto público e – o que é mais importante – é um lugar em que ponho em circulação minhas ideias e as confronto com outras. Esta é minha outra esquina, um olhar deste outro lugar. Assim a chamo, porque a partir deste outro olhar, estamos descobrindo a profundidade estabelecida do domínio e o ódio/amor desta cultura para as mulheres.

Sem este lugar político, me parece impossível desvendar a profundidade da armadilha política, o quão envolvidas estamos e a responsabilidade de assumir, analisar e atuar a nós mesmas, embora venhamos a sofrer com a vertigem que produz a liberdade.

Desde esta outra esquina tem sido possível projetar um sonho, o sonho de uma mudança da sociedade. O sonho de uma cultura que não está baseada entre ódio/amor, mas no respeito, de uma cultura que não se baseia no domínio, mas na colaboração.

Este sonho permite ao feminismo – ao meu ponto de vista – que deixe de lado a demanda de incorporação à cultura vigente e se abra a todas as suas potencialidades criativas e de responsabilidade que como humanas temos.

A mudança que vejo como possível e que envolve a todas e todos, é muito mais complexa do que se pode entender e muito mais global e profunda do que alguns feminismos têm projetado.

Nos últimos tempos, em que a inserção das diversidades se executa como uma fórmula perfeita para extrair as potencialidades de mudanças que tem os movimentos sociais, o feminismo tem se reduzido a uma categoria de análise (perspectiva e estudo de gênero) no interior das estruturas acadêmicas, sobrepondo as lideranças políticas por especialistas inofensivas ao sistema e nocivas para o movimento de mulheres, ao mesmo tempo que se perde enquanto movimento político e questionador. Para executar a inserção deste feminismo tem sido necessária a acomodação do discurso em relação as possibilidades que a cultura oferece, tanto que a cultura tem se acomodado para receber certas mulheres. Esta acomodação se lê como mudança cultural, que não só não é, mas que, ao contrário, contribui para o fracionamento do pensamento feminista e marca o triunfo da masculinidade.

Quem sustenta que o patriarcado vem se humanizando, não vê como o racismo e a xenofobia estão impregnando todos os espaços da nossa cultura, incluindo aqueles onde historicamente se construía o pensamento libertário, universidades e partidos políticos de ideias progressistas.

Quem sustenta que o patriarcado está se humanizando não quer ver que a supremacia da raça branca está se promovendo sobre o resto do mundo, e que a exploração e a pobreza são superiores que há vinte anos. Não quer tampouco ver as milhares de pessoas do terceiro mundo tentando fugir da fome, seca e guerra, sem poder ultrapassar o muro invisível que o Primeiro Mundo levantou para manter seus privilégios.

Da mesma forma, quem interpreta a presença das mulheres dentro das estruturas de poder como um sinal de avanço e de mudança não tem em conta que o sistema de domínio não tem sido afetado minimamente, que o acesso das mulheres ao poder dentro do feminino não o modifica. As relações de gênero podem mudar, porém, não altera a constituição da masculinidade. Não é que agora estamos ascendendo ao trabalho, pois sempre trabalhamos no departamento que mantém o patriarcado e suas ideias, e ali continuamos.

O patriarcado desde a sua fundação é um pacto entre homens baseado em seus valores, em suas ideias de sociedade e, especialmente, na colaboração que nós mulheres devemos a eles. O que não existiu jamais na história é o pacto político entre mulheres; enquanto não formos capazes de realizar pactos entre nós não seremos capazes de fazer uma política alternativa. Mas não se trata de qualquer pacto. Não me refiro a pactos que são baseados em aspectos biológicos do que é ser mulher, mas àqueles que se sustentam em ideias e propostas éticas e, sobretudo, que não tenham como referência nenhum projeto político de masculinidade.

Quando o jogo de ideias e valores de algumas mulheres se constituem em propostas e se comparam/confrontam com outros jogos de ideias e valores de outras mulheres, saberemos se é possível fazer este pacto. Observamos na história e no tempo a quantidade de jogos de ideias e valores que os homens têm: desde a direita e esquerda, ou desde suas religiões (católica, protestante, budista, mulçumanos).

Este pacto se assenta na relação que os homens estabelecem com a mulher, com esta Outra diferente, com esta Outra que produz medo, a quem desejam e odeiam simultaneamente.

Este pacto entre homens constrói a misoginia, somente desta maneira pode executar o domínio, que se traduz na servidão de cuidar e manter sua cultura.

Para que a misoginia perdure, a cultura compactuada entre homens universaliza suas ideias promovendo, desde o poder, a depreciação interna que cada mulher tem sobre seu próprio ser e o desejo de ocupar o lugar do outro, ou seja, o do homem. Não é a inveja ao pênis, como Freud nos resume, mas o desejo daquilo que nos constitui como humanas: criar, pensar, falar e, por último, construir cultura.

Estabelecer um pacto entre mulheres é difícil. Cada vez que começamos a nos ver como sujeitos políticos, estamos assumindo a responsabilidade de desenhar a sociedade para todos e com todos. Isto produz medo porque sai do âmbito doméstico, do conhecido, do feminino. Então nos refugiamos na feminilidade patriarcal, na imagem do que nos é entregue de nós mesmas, na qual se supõe que somente o fato de ser mulher nos fará estar em suas ideias e projetos, dessa maneira não constituímos pacto entre mulheres. Reconhecer projetos políticos gerados por mulheres se mostra praticamente impossível pois estamos submersas nas inseguranças afetivas que temos por nossa própria misoginia.

Algumas mulheres facilmente chamam de patriarcal qualquer expressão do humano referente a simbologia do masculino: a autonomia, o exercício do conhecimento, a independência. Lhes é necessário permanecer na feminilidade patriarcal, ser boas, acolhedoras, não discutir, necessitar do outro/a.

É tão forte a marca misógina deixada pelo patriarcado que mal consideramos nos constituir, já começamos a negociar nossas ideias com a masculinidade, já que quando não se goza do poder público, qualquer pequeno poder se confunde com este.

A proposta de acabar com o patriarcado tem, em primeiro lugar, uma afirmação: o patriarcado existe, está vivo e saudável, rejuvenescido na masculinidade. É preciso conhecer e reconhece-lo muito bem para poder desmontá-lo. Se consideramos que para nós esta cultura é inaceitável, nosso objetivo será alcançar uma mudança sociocultural e estrutural.

Se pensarmos que o patriarcado não existe, ou que teve seu fim, ou que podemos fazer novos pactos com ele (já que sempre temos feito pacto com o sistema), estamos assumindo que não temos nenhuma outra possibilidade de viver a vida com um destino imodificável e, portanto, aceitamos todas as contradições, aberrações e injustiças de uma cultura impossível de modificar.

O problema está em não confundir os desejos de mudança com o desejo de estar e gozar do sistema de poderes do patriarcado, argumentando que se está ali para gerar mudanças. Esse 'estar' no patriarcado implica em impregnar o discurso com uma demagogia que confunde os objetivos, borra e desvia as leituras da realidade e, finalmente, nos faz renunciar das políticas que poderiam desmontá-lo. Se inserir nas instituições do patriarcado implica em novamente fazer o trabalho que mantém o sistema.

Existe uma confusão a respeito do feminismo, assimilando sua biografia de segregação comum a todas as mulheres. O feminismo em si é um espaço histórico e político do desenvolvimento do pensamento de mulheres, uma teoria de mudança política inegociável, que tem a ver com a ética e que não se pode negociar com propostas que diferem e contradizem seus princípios básicos.

É necessário esclarecer que o Movimento de Mulheres Feministas Autônomo (MOMUFA) não invalida outras propostas feministas, nem as propostas que estas fazem com o sistema, o que não impede que denunciemos as políticas que fazem em nome do Movimento Feminista, que se apropriem da história do feminismo para combinar e negociar com o sistema. Isto corresponde a um roubo intelectual de séculos, que me parece lógico que coloque a masculinidade frente a um movimento que a questione, mas o que fazem as mulheres me parece que corresponde a um impulso de traição com que foi simbolizado o feminino desde o mítico início divino da humanidade.

De alguma maneira as negociações passam por uma inserção de lugares, algumas vertentes do feminismo têm sofrido esse processo de inserção e de negociação das propostas mais radicais do movimento, naturalizando justamente o que faz do feminismo um projeto de mudança social profunda, por isso nossa denúncia e a demanda de que se especifique nitidamente que lugar é esse que se fala e quais os interesses políticos que se sustentam. Por que a denúncia? Por que as exigências de pronunciamento dentro do feminismo? Por que o debate?

Porque as propostas políticas que fazemos não são complementares entre si e não convergem ao mesmo fim. Ao tomar a representação do feminismo e das mulheres desde a institucionalização, nos invisibilizam, negam nossas propostas. Por detrás de todo processo político há também interesses econômicos, institucionais, de poder e responsáveis com nomes e sobrenomes.

Se quisermos realmente propor outra democracia, uma democracia contida em uma cultura de colaboração, não podemos estar junto da democracia do domínio, não podemos estar com a democracia hierarquizada e autoritária do modelo masculino. Se não há disposição de pôr em debate a questão da família como base da sociedade, se não há disposição de questionar a consanguinidade e suas ordens hierárquicas primitivas, não podemos fazer projeto político em comum.

Nossa proposta é parar em outra esquina e olhar, pensar e começar a desenhar uma outra sociedade.

## UM GESTO DE MOBILIDADE, ARTICULAR UM AVANÇO

O feminismo tem crescido, se aprofundaram os conhecimentos e se multiplicaram os lugares de onde as mulheres constroem diversos projetos feministas. Os desafios que temos hoje são diferentes dos de 1970 e 1980, quando começávamos a nos reconhecer por meio de nossas histórias pessoais, coincidências de existência e esse eterno descobrir-se das mulheres. Nossas diferenças, então, eram menos significativas do que são agora, ou simplesmente as colocávamos em um lugar escondido do nosso processo.

O fazer político feminista hoje está cruzando um problema ético, ou seja, temos que assumir responsabilmente o que acontece no mundo, já que somos parte dele. Se implementam políticas de um sistema de valores que permite a fome, o racismo, as fobias, devemos perguntar-nos sobre outros valores, caso contrário revalidamos o sistema e nos tornamos cúmplices.

Um ser político constrói suas políticas em relação aos valores que aceita como válidos, armazena ideias e sentimentos que são construídos a partir deles. Toda cultura instala uma gama de sistemas de valores, de sistemas morais que parecem lógicos, únicos e inquestionáveis.

A responsabilidade e ética individual passa por nos vermos como interventoras da nossa própria escala de valores, enquanto fazemos política como uma forma de construir uma sociedade diferente, para ela é necessário ler-nos como seres políticos. Nada é neutro dentro de uma sociedade, as mulheres, sobretudo, carregamos um sistema de valores que não nos pertence genericamente, que forma parte de uma cultura eminentemente masculina que nos socializa para estar casadas, para sermos complemento de algo, ao mesmo tempo que nos caça a lógica dos grupos hegemônicos masculinos que assimilamos como própria, nos reduzindo e nos colocando em um espaço reprodutor e não criador.

Nossas práticas políticas se encontram marcadas por esses valores que precisamos repensar. Rearticular um sistema de valores deve refletir-se não somente na construção de um discurso, mas também ser demonstrado em suas práticas políticas, para que possa instalar-se no imaginário coletivo.

O feminismo – da minha perspectiva – aposta em um sistema de outros valores e símbolos que faz possível construir uma sociedade pela colaboração e não pelo domínio. Alterar o imaginário coletivo passa por compreender a vida de outra maneira, não como uma luta de sobrevivência do mais forte, nem marcada pelo amor sistêmico.

Para o feminismo autônomo é muito importante demarcar o espaço político, ou seja, de onde estamos gerando um discurso e como o refletimos em nossas práticas. Esta responsabilidade carrega o desafio de expressar concretamente o que é que queremos mudar e de onde estamos para elaborar esse desejo de mudança. Enquanto adornarmos nossas práticas com discursos paralelos, alheios e ambíguos, perderemos o ponto de partida e só conseguiremos adiar a discussão entre nós.

Embora pareça messiânico propor outra civilização e cultura, não o é, se tomamos consciência de que os avanços do sistema cultural vigente, seus valores e modelos estruturais de desenvolvimento, nos estão arrastando a uma desumanização brutal. Não temos outra alternativa além de propor uma mudança, pois o fracasso desde modelo de civilização é evidente.

Falar de uma profunda mudança cultural/civilizatória neste momento é falar sobre os valores com que queremos construir a sociedade e, é claro, são baseadas em nossas ideias de liberdade, para dismantelar uma cultura discriminatória e violenta. Sabemos que nossos problemas passam por uma prática política que contém esse desafio ético. Creio que o feminismo, os poderes e os problemas de dinheiro que nele existem, nos levam à necessidade urgente de esclarecer as diversas posições políticas e filosóficas contidas no movimento. Já não se trata somente de conseguir certas melhorias na vida das mulheres, não nos bastam as conquistas de espaços de igualdade, nem as pseudo conquistas legais, pois estas são revertidas na grande maioria das vezes, inserindo pequenas elites de mulheres funcionais às propostas do sistema, que assumem a voz de todas a partir de um campo privilegiado, mas que igualmente são discriminadas e alinhadas dentro dos setores de poder. O poder necessita justamente integrar a mulher ao sistema, não requer grupos sociais e políticos que o questionem, impugnem, e muito menos que proponham outro sistema.

Neste ponto, quero destacar que o feminismo é uma proposta que envolve a todas e todos os que construímos a sociedade. Portanto, nossa paixão, a partir do feminismo autônomo, vai mais além do que corrigir duvidosamente os problemas de um grupo significativo que habitamos o planeta.

A essa altura, fingir que o movimento feminista é um guarda-chuva que contém a nós todas, é para mim uma espécie de onipotência que nos força a estar reunidas, onde as que sustentam a alça podem falar em nome de todas. É aqui onde devemos fazer uma linha divisória entre as mulheres que a partir do feminismo pretendem alcançar uma plataforma de poder constitucional, e as mulheres feministas que tentamos desmontá-lo.

Construir um movimento feminista autônomo é uma necessidade política, como um espaço de aprendizagem e de diferenciação, para descobrir nossas cumplicidades, visualizar nossa escravidão e nossos processos criativos, propondo o questionamento, a formulação e o não pertencimento às ordens discursivas institucionais que nos silenciam. Já que não há política nem estratégias nem conquistas que possamos alcançar sem a existência de um espaço feminista autônomo pensante, atuante e em discussão.

Depois do 7º Encontro Feminista Latino-americano e do Caribe, celebrado em Cartagena, já não se pode falar de um só feminismo latino-americano, com diferentes expressões; há de se falar de correntes: feminismo autônomo, feminismo institucionalizado, neofeminismo, feminismo neoliberal, ecofeminismo, entre outros, ou seja, de vertentes de pensamento, de sistemas de ideias com suas respectivas expressões mais ou menos orgânicas, com suas diversidades e diferenças.

Esse encontro marcou uma mudança. Ali ficou nítido que ninguém tem o direito a representar, falar ou negociar em nome do Movimento Feminista Latino-americano e do Caribe. Que ao tomar a representação das políticas do feminismo deste continente, se está atropelando uma parte importante do movimento feminista e das mulheres em seus direitos mais básicos. Se está negociando sem seu conhecimento e autorização.

Em nenhum outro espaço político se aceitam as coisas que neste movimento feminista amérbico [muito pequeno] temos aceitado, sem nenhuma capacidade de surpresa, ou de reação, depois do Encontro de Cartagena, de onde se expressou o seguinte:

- Que no interior do movimento se negam as representatividades e que no público se fale em nome de todas;
- Que no interior do movimento se negam as lideranças para depois aparecer em público como líderes;
- Que nos representem sem havermos decidido essa representação;
- Que mulheres que se dizem feministas ponham em prática políticas nunca discutidas no movimento;
- Que usem do poder que tem conseguido graças ao feminismo e da luta das mulheres para seus interesses e para nos invisibilizar;
- Que se confunda funcionárias pagas de ONGs com atuantes feministas;
- Que se usem espaços de trabalho, ONGs, Institutos Estatais, Academia, etc., como movimento social de onde se decidem políticas que afetam a todas as mulheres;
- Que o poder econômico externo intervenha no desenho das políticas feministas latino-americanas;
- Que mulheres que não são feministas tomem decisões pelo movimento.

Para algumas de nós o movimento feminista é o espaço público de nosso trabalho político, indispensável e necessário para nos completarmos como seres humanas; para outras, é apenas um complemento secundário a suas crenças, sejam estas políticas ou religiosas; e para outras, um lugar onde buscar afeições e espaços protegidos. Por último estão as mulheres que necessitam fazer parte do poder que o sistema concede ao movimento de mulheres. Estas múltiplas maneiras de ser feminista nos diferenciam.

Algumas de nós temos trazido, desde os finais dos anos 80, a necessidade de nos aprofundarmos nas diferentes correntes, para assim gerar uma discussão política e teórica, única maneira de sairmos dos discursos demagógicos e inclusivos.

Durante o 7º Encontro, como resultado da proposição metodológica da Comissão organizadora, se constituíram oficinas de aprofundamento das diferentes correntes. Desta maneira se formou a oficina das feministas institucionais “Agenda autônoma radical”, a oficina “Nem umas, nem outras” e a oficina das Feministas Autônomas. Este foi um gesto de reconhecimento das diferentes propostas políticas que coexistiam dentro do Movimento, e que fundamentalmente é o que vem sustentando o Movimento Feminista Autônomo.

A invasão de territórios, a utilização do discurso, a negação de nossa existência e de nossa história política são atos de violência que nós autônomas temos sofrido; também o são o uso discriminatório dos meios de comunicação feministas e o tráfico de influência sobre o dinheiro, exercido em conjunto com o poder. A violência é isso, não a denúncia destes atos. É violento que tomem nosso discurso e o acomodem para usá-lo como um trampolim de suas alianças com o poder.

O feminismo é um lugar que tem produzido diferentes olhares ideológicos, filosóficos, econômicos e políticos, não é propriedade de nenhum grupo, é parte de várias correntes que o mesmo movimento tem gerado. Capitalizar o feminismo em um grupo, que não constrói movimento e também nem sequer se propõe a isso, é justamente sair daquilo que entendemos por ele.

Ao contrário daquelas que se atrevem a fazer política para as mulheres e se aliam ao sistema sem discriminação, nós autônomas independentes acreditamos que devemos buscar formas de fazer crescer nosso movimento, para que se converta em uma força social de mudança. A partir de um movimento consciente e responsabilmente assumido, com a adesão orgânica (atuação), poderemos fazer verdadeiras alianças que não se contraponham às nossas políticas, nossas propostas e que signifiquem avançar realmente na mudança que nos temos proposto.

O Movimento Feminista Autônomo é um espaço que tem sido definido e desenhado, temos trabalhado largamente nele. Temos nos nomeado para falar e nos representar. É um lugar onde se escolhe livremente pertencer e se adquire o compromisso de assumir sua história e trajetória político-filosófica e realizar as mudanças necessárias entre todas. Nosso limite é que se alguém tem um projeto político diferente, com estratégias e objetivos distintos, consideramos que deve constituir seu próprio espaço político, nitidamente legível, com o propósito de fazer suas políticas transparentes e, sobretudo, sem aproveitar-se do trabalho e da história de outras feministas.

É muito importante que nossa imagem seja construída por nós mesmas e não a partir do que alguém conta, nem do que leem a partir de outras, a partir de outros lugares culturais, nem de outros continentes, vendo o que se quer ver ou invisibilizando o que não convém. Assim, cada feminista poderá nos localizar ou localizar-se livremente em alguma destas correntes sem prejuízos. Isso é dar as informações necessárias para começar a construir política de outra forma.

Este foi o Encontro Feminista Latino-americano e do Caribe mais político que já tivemos. Em primeiro lugar, porque dissemos o que nos vinha incomodando há muito tempo. Em segundo lugar, porque éramos muitas mais do que pensávamos, constatando que somos suficientes para ir construindo um Movimento Feminista Autônomo Latino-americano, desmontando a romântica-amorosa-mentirosa ideia de que o feminismo é um, que não existem interesses econômicos e de poder em seu interior, negação que produz fissuras intransitáveis entre as feministas. Por último, temos conseguido que apesar do feminismo oficial, o feminismo como proposta civilizatória ainda mantenha a conotação de rebeldia com a qual se originou. Foi necessário refletir e visibilizar nossas diferenças para articular um avanço, um gesto de mobilidade, para não nos mantermos estacionadas, acumulando nó sobre nó, sem desfazer nenhum.

O Movimento Feminista Autônomo Latino-americano é um feito histórico, produzido por mulheres que delimitaram seu espaço em relação ao movimento feminista, que continha em seu interior profundas contradições. Podemos e devemos reconhecer que as explicitações de suas estratégias e as críticas ao trabalho político dos grupos hegemônicos do movimento feminista tem sido um trabalho de extrema importância para manter vigente o projeto feminista radical e civilizatório, livrando-se das demandas do sistema com que foram marcadas as estratégias do feminismo.

O conceito político de autonomia não é instantâneo e não tem a ver com a precariedade da ideia de autonomia como fetiche contemporâneo de siglas. É uma proposta que não está em interlocução alguma com o sistema, nem com os grupos que demandam mudanças no sistema. Demandar a resolução de necessidades de visibilidade ou existência não é mais do que legitimar e reacomodar-se na estrutura da cultura masculinista em quaisquer eventualidades.

É necessário ir marcando a autonomia e a independência a partir de onde falamos, porque estamos tremendamente cruzadas por interesses políticos, que vão desde a possibilidade partidária até os interesses de grupo marginalizados que se aderem ao Movimento Feminista Autônomo, ao mesmo tempo que às negociações e transações com o sistema.

A dupla militância, hoje mais do que nunca, está atuando entre nós, é mais sutil e submersa que quando no início tínhamos que discutir os limites com mulheres militantes de partidos políticos ou de diferentes religiões. Algumas destas duplas militâncias existem e são explicitadas, outras estão escondidas na semi-penumbra do pensamento de cada uma. O projeto feminista permanece secundarizado – como sempre – quando aparecem estes outros interesses, com o custo de fragmentar o projeto feminista, semear a desconfiança e replicar a misoginia que faz tão bem ao sistema. A busca pela autonomia, independência e individualização parece inútil e inalcançável.

Tudo pretende se fundir de maneira tal que nada permanece visível, exceto os logos finais, apagando as alternativas, integrando as diferenças e nuances em uma aparente globalização. Fundir a política feminista autônoma latino-americana com políticas absolutamente alheias, como são os interesses do feminismo institucional, partidários e de outros grupos marginalizados, fingindo uma proposta conjunta pelo simples fato de ter um questionamento crítico sobre a desigualdade, a discriminação e a marginalização, nos afasta de nossos conteúdos radicais, pois a grande maioria dos grupos marginalizados são reivindicativos, não propõem, nem pretendem uma mudança civilizatória, pelo contrário, buscam legitimar-se e instalar-se no sistema. Se não enxergamos esta divergência política abismal, nossos interesses se perdem nos de outros grupos e os discursos vão se tornando tão difusos, que não será possível uma atuação autônoma feminista como espaço público/político, ou ainda menos, deixar nítidas nossas diferenças.

# TERCEIRA PARTE

## INCIDÊNCIAS LÉSBICAS OU O AMOR AO PRÓPRIO REFLEXO

*“Antes que existira ou pudesse existir qualquer classe de movimento feminista, existiam as lesbianas, mulheres que amavam a outras mulheres, que recusavam cumprir com o comportamento esperado delas, que recusavam definir-se em relação aos homens, aquelas mulheres, nossas antepassadas, milenares, cujos nomes não conhecemos, foram torturadas e queimadas como bruxas.”*

*Adrienne Rich*

Nós mulheres viemos sustentando longas lutas externas e internas com nossas capacidades, de querer ser atuantes de nossos desejos, de nos entendermos como mulheres individual e coletivamente. Nossos diálogos fundamentalmente têm sido de feminilidade a feminilidade, ou seja, sempre dentro do macro da construção simbólica patriarcal a construção patriarcal que tem feito de nós, desse dever-ser como pessoas e de nossos corpos. O diálogo mulher/mulher é ainda pendente, pois o único diálogo que existe até agora, aquele que se tem memória e que transcende a história, é o feminino-feminina. Neste diálogo se prima pela alheidade da mulher, é um diálogo "do outro", baseado no condicionamento ao amor patriarcal e não na legitimação entre mulheres como conjunto pensante. Mais ainda, dentro da construção do amatório tivemos sido separadas, enquanto que os homens consolidam sua cultura legitimando-se, admirando-se e amando-se entre eles.

Tivemos que nos declarar meio tontas para existir e permanecer no prado marcado e sinalizado da feminilidade, e isto tem mais transcendência do que à primeira vista aparece. Estratégia de sobrevivência, que custa nossa dimensão humana, pensante e atuante, o prejuízo do diálogo mulher/mulher que é sempre postergado pelos interesses práticos que se funcionalizam junto aos da cultura vigente, e que jamais, partindo desse lugar, serão geradores de outra cultura, já que os interesses das mulheres não têm nada a ver com os interesses da feminilidade. Devemos saber nitidamente que a feminilidade é uma construção organizada dentro da masculinidade e à serviço desta.

Enquanto não sejamos capazes de interrogar o desenho que outros fizeram do nosso pensamento, de nossa forma de entender a vida e sua transcendência, de criar outros modelos, de nos abrir a atração entre mulheres, de nos abrir a necessidade de entrar

em diálogo com uma outra igual, não amaremos a nós mesmas, não nos amaremos como mulheres e, fundamentalmente, não nos respeitaremos como um gênero e como espécie.

Ao interrogarmos o desenho que têm feito de nós, começamos a ser sujeitas atuantes, a desconstruir a misoginia – consigo mesma e com as demais –. Sem essa condição básica só seremos convidadas de um sistema que pensa por nós, que se erotiza com nossos corpos e não com nosso pensamento. Estaremos sempre um pouco fora, fora do mundo, fora da cultura, fora da política e fora de nosso próprio corpo, caindo facilmente nos processos esquizofrênicos desta sociedade.

As mulheres que se declaram profundamente heterossexuais, que divinizam o corpo masculino, como corpo simbólico que necessitam e adoram, e que, porém, é aquele que as menospreza, o que as tem submetido a secundariedade da espécie humana, que tem possibilitado a permanência e onipotência da masculinidade, mantendo-nos nesse ser estrangeira no nosso próprio corpo. Porém, existe uma memória velada de nós, que forma parte de nossa história, ainda que se encontre subsumida<sup>5</sup> na história da “feminilidade” e que é muito difícil desentranhar, justamente pela alteridade a que temos sido submetidas, um desejo que poderíamos associar à paixão mais que ao amor, a solidariedade ou a amizade, esse desejo de aprender/ nos aprender, de nos conhecer, de nos descobrir, nos mobiliza para começar o caminho de recuperação de nós mesmas e de nossa verdadeira história.

Desse lugar da paixão, quem sabe, seja possível entender-nos e entender as coisas que nos acontecem como mulheres/entre mulheres. Desde a feminilidade construída é muito difícil entender essa paixão, pois a memória tem sido apagada e não se deixa circular, porque indiscutivelmente o sistema insere a feminilidade misógina, que propõe o ódio a nós mesmas, embora algumas vezes nos erotizemos este espaço. Por isso quando nos erotizamos neste espaço já significado da feminilidade, ficamos estacionadas, só trocamos o corpo da erótica, o corpo do desejo.

Essa memória da paixão existe entre nós, temos que encontrá-la e significá-la no tempo, registrá-la e fazê-la sair do lugar do nada. A masculinidade tem uma preocupação especial de invisibilizar e eliminar a memória do nosso corpo, porque é ali que radica sua vigência, neste gesto amnésico constitui seu poder. É nossa responsabilidade e nosso desafio entender e reconstruir essa dimensão de desejo/paixão/ de nos conhecermos. E mais, toda mulher conserva essa memória/imemoriada e sua forma de se relacionar com outra mulher está transpassada por esse conteúdo.

Nada poderia propor-se desde o feminismo e, em especial, desde o feminismo radical, que não passe por recuperar e reconstruir esta outra história de mulheres.

---

<sup>5</sup> Incluir num contexto mais amplo: Subsumir um indivíduo numa espécie, uma espécie num gênero.

Em todo ser humano existe a potencialidade de atravessar os limites culturais da heterossexualidade. Apenas aceitando essa potencialidade poderemos nos desfazer dos preconceitos contra lésbicas e homossexuais. Me atrevera afirmar que para além de romper com preconceitos, assumindo esta potencialidade não estática da erótica, é necessário começar a nos limpar da misoginia do sistema, que não é o mesmo exercício que executam os homens, nem os homens homossexuais, pois eles sempre se amaram e armaram misoginamente, onde quer que estivessem.

Sempre contamos com uma amiga íntima, uma outra que nos apoia, uma aliada e é com esta outra que se cruzam nossos pequenos incidentes lésbicos negados. Esta negação se enraíza na sensação de terror de descobrir-se pensando ou sentindo passar o limite do permitido, sustentado na formação dos modelos de erótica e da ética/moral estabelecidos. A mulher se paralisa ante a sanção iminente<sup>6</sup> do sistema, se nega a si mesma, para não ser negada duas vezes: uma por ser mulher e a segunda por ser lésbica. As que recusam cumprir o comportamento esperado são minorias rebeldes que nos fazem valentes, que transitam e assumem a lesbianidade e se abrem compreender, rompendo o círculo sinistro da culpa e do medo com que foram socializadas. O medo à lesbianidade é um dos medos mais importantes que a sociedade inventou, não é inocente, tem sido um dos melhores desenhos e adestramentos imobilizadores para as mulheres. Embora a lesbianidade não se pratique como erótica, a memória que temos deste gesto amatório sancionado insere, através de sua negação, a desconfiança entre as mulheres.

Uma grande parte dos problemas que temos para fazer amizade entre mulheres passa por essa paixão/desejo de conhecer-nos, esta paixão não reconhecida, nem aceita, mesmo nos níveis mais ocultos de nossa consciência, que chega a profundidades inesperadas.

Paixão/desejo que ao ser constantemente postergada, se transforma em rechaços, traições e ódios fora da razão e do tempo, pois é a outra a deflagradora desta paixão sancionada, a culpada: a Eva tentadora do mal, a que faz cair o homem, e que desta vez nos faz cair, a nossa Eva.

É difícil construir uma amizade que não esteja prejudicada e permeada por esta proibição misógina de amar-nos. Que memórias não recordadas arrastamos? Que histórias de sensações de ardores e perdições trazemos por nos gostarmos? Que mandatos afim de odiarmos, sem sequer entender o que se passa? Porém, como nos sentimos cômodas estando entre mulheres.

Como nos querer de outra maneira, sem os papéis, as inseguranças, as demandas de propriedade/fidelidade, sem o drama, o tango, o bolero, o segredo, sem nos trair

---

<sup>6</sup> Utilizada para adjetivar algo ou alguém com qualidade de superior, excelência, que seja ilustre ou de grade importância.

constantemente. É precisamente neste espaço amoroso onde podemos reinventar outras formas de amor, esse outro amor, essa suspeita de outra cultura, onde sejamos mulheres pensantes e não inventadas por outros, onde redesenhar outras formas de convivências entre seres humanas, que não seja a de casal do domínio. Como o modelo amatório é masculinista em sua essência, a construção do casal está patriarcalizada pelo domínio, expressando-se na construção convencional do amor-casal, romântico e pegajoso, que arma essa escassez de amor, no discurso de amor único, a dois, em casal e para sempre, que finalmente mata os amores, por culpa ou de tanto amor, que insere a dor mais que o amor. A escassez, não a abundância. O encarceramento e não a liberdade. Uma morre sempre de algum desses males: doem o mesmo, matam o mesmo.

A estética e a construção do amor patriarcal estão contidos na ideia e na visão da escrava, a dominada, a depositária de desejo, a que dá continuidade a linhagem, a guardiã de seus interesses, aprisionada de seu poder e dos valores que o sustentam. Devemos desconstruir a estética da escrava e ver a submissão, o maltrato, a secundariedade como uma expressão final das relações humanas, onde começam as transgressões. Assim mesmo, continuam sendo uma minoria as mulheres que já não suportam o maltrato físico, devemos deixar de suportar o maltrato cultural, que não tem mudado e que só afinou essa visão estética de dominação, implicada e retorcida na feminilidade.

A ética de lesbos deveria conter uma proposta de horizontalidade, porque só nesse plano sucedem os intercâmbios pessoa-pessoa. Esse espaço amoroso que devemos desenhar, reinventar e narrar, para construir um saber-amar outro, que nos acumule em sociedade de outra maneira. Devemos ter cuidado de não readequar a ideia de casal, acreditando que inventamos outro modelo, isso não seria mais que um reacomodo a mesma lama patriarcal. A cultura vigente nos faz acreditar que somos diferentes, que nossas construções de casal são únicas e exclusivas, ao mesmo tempo que nos submerge em seus costumes e valores, fazendo com que todos, de uma maneira ou outra, repitam o mesmo modelo.

Reinventar as relações leva ao ato de repensar a nós mesmas como sujeitos culturais, repensar nossas formas de nos relacionar, repensar nossos conceitos de casal, que tem uma regra – se é que podemos falar de regras – que é não enganar a nós mesmas. Quando falo de enganar, não falo fidelidades, senão de não disfarçar nada, de não esconder nada, nem nos proteger, nem proteger a outras. Tudo isso tem uma dose grande de valentia, de riscos de assumir-se sem proteções próprias nem alheias; contém a uma desbravadora, uma aventureira, para quem nada é intocável e inquestionável, nada é sagrado. Esse gesto tem um objetivo claro e profundo, de fazer das pessoas expressadas, livres e mais humanas, o que não se deve confundir com se fazer “boa”, porque geralmente alude ao contrário da moral sacrificada. O ser-bo

amortece, esconde, nega, se arma no sacrifício e na hipocrisia do romantismo, se fere em autoflagelação... e a essa altura do conto, muitas já sabemos o difícil e doloroso que é não contar finalmente o conto, quando temos outro conto.

Se não reestruturamos, redesenhamos, reumanizamos e repensamos o espaço lésbico, acabamos caindo na exaltação patriarcal do romântico amoroso sentimental onde acreditamos estar livres da traição dos homens, exaltando a feminilidade-feminilidade: o amor sem limites dentro da irracionalidade; o amor sentimental, sacrificado, bom, inquestionável, maternal, sagrado, o amor em si mesmo como contido de honestidade e de interesses comuns, que não se pensa, como se não tivesse uma pessoa responsável por detrás, com seus valores, sua cultura, suas proposições de vida, sua própria biografia. E é precisamente aqui de onde o patriarcado tem sua armadilha, pois a transgressão não radica em ultrapassar o limite demarcado da erótica estabelecida, senão em pensar tal transgressão, em desenhar estratégias políticas para que tal transgressão não seja, como todas, recuperada.

Se não repensarmos o casal como a base do clã familiar patriarcal, onde se sistematiza essa sociedade e onde se aprende o poder sobre as pessoas e o pertencimento como propriedade privada, seguiremos repetindo o modelo: casar, legitimar-nos perante o sistema, ter filhas e, se não tivermos, suprir com gatos ou cães que serão cuidados como se fossem filhas.

No fim, a cadeia não se detém em estabelecer as imitações da família, a família de mentira que é pior que a família da consanguinidade. Não estou dizendo que não há que se amar as crianças ou aos animais, senão que não se deve usá-los como suplentes, nem os confundir como tão facilmente nos confunde a cultura: tratando as crianças como animais e aos animais como crianças, sem respeitar nenhum deles afinal.

O casal existe porque existe a lógica do domínio. Nessa lógica se exercita a cultura masculinista, daí o tópico: “Vale tudo no amor e na guerra”: serviço secreto, ter cativos, reféns, estratégias, assaltos, traições, planificação de ataque, imolações, derrotas, vitórias, etc. Essas manobras se disfarçam na guerra atrás do halo<sup>7</sup> heroico salvador, enquanto no plano amoroso são pintadas de novela rosa.

Esta cultura não entende nem constrói seres livres e autônomas, pelo contrário, as confunde, as faz carentes, de tal maneira a se verem obrigadas a se completarem em outra/outro, do qual depende e que o constrói socialmente. Uma pessoa sem necessidade de completar-se está em desvantagem ante o sistema, mas ao mesmo tempo, está em completa vantagem sobre si mesma, conta com o poder de desenhar sua vida em liberdade. O sistema sanciona os gestos libertários que atentam contra a ordem da estrutura social, dado que está pensado para seres carentes, que sejam

---

<sup>7</sup> Auréola.

manipuláveis. Um ser libertário, ao contrário, não é manipulável nem infantilizado. A estrutura social está idealizada para sujeitos estanques, crentes nesta cultura, que fazem imóveis as mudanças que necessitamos para criar uma cultura mais horizontal e respeitosa. Muito diferente é falar da liberdade de estar, amar e transitar acompanhada com outra/outro, que estacionar em um casal patriarcalizado com a projeção de ser para vida toda, repetindo o modelo da propriedade privada.

O casal (matrimônio) se arma de tal maneira que um tem o poder e o outro o contrapoder, papéis que se invertem às vezes, mas que se fixam aos indivíduos na ambição de domínio, embriagando-se deste jogo de ter um pequeno poder. Cativa as pessoas com o mandato da segurança que proporciona a fidelidade = vigilância, com o qual essa construção baseada no amor sistêmico, termina por prender o amor e matá-lo.

Apesar de, nós mulheres, não termos inventado essa construção amorosa, somos as mais presas a ela, já que nos coloca como as próprias guardiãs da feminilidade, tendo que prestar contas, explicar-se: por que olhou, por que não chegou, por que pensou, por que vai embora, por que voltou, por que sonhou, por que gritou, por que se rebelou.

Outros modos, outros ensaios de convivências são invisibilizados e castigados, pois o sistema está sempre vigiando e temendo sua possível queda.

Como lésbicas, temos uma história gestual e política de vida que vai mais além do relato amoroso. Submergir-se em um casal já tão significado tem muitos custos, custos de vidas inteiras, do mesmo modo que sair das atuais formas de amar com suas fidelidades e lealdades. Não há modelos, não há registro, não há rastros, apesar de haver muitos ensaios silenciados, não temos ideia de como fazê-lo. Com tantas inseguranças, carências e medos com que nos socializam, vivemos sofrendo, porque somente submergidas no drama sentimos que amamos, que vivemos e morreremos ao mesmo tempo. O drama carece de reflexão e aqui está mais um dos gestos que nos submetem e nos recuperam.

Para que o sistema e sua engrenagem de relações funcione, deve existir uma proprietária ou proprietário, uma depositária do sacrifício de nos entregar. Insisto que o sacrifício é uma armadilha e enquanto não descobriremos o quão nocivo é essa forma de amar sofrendo, seguiremos permeadas de sacrifício de uns por outros... e não estaremos saindo de toda a hipocrisia antagônica do sistema. Não necessitamos ser mártires, nem crer em cruces para construir o respeito do humano, pois recriando casais sacrificados, não se constrói nenhum respeito e isso sim é um gesto político.

Romper nossas necessidades tão profundamente inscritas, com argumentos culturais e biológicas de complementariedade, nos têm levado a entender o amor somente em

sua dimensão reprodutiva, protetora e cuidadora do casal heterossexual, tão funcional a um sistema capitalista e neoliberal que necessita deste ordenamento de posse.

O casal lésbico deveria romper com esta construção cultural, mas se embaraça, se confunde: por um lado se mantém em um meio totalmente hostil que faz com que se unam, se protejam, se fechem em si numa condição de sobrevivência e, por outro lado, ao sairmos da estrutura do amor reprodutivo e de domínio, tomamos para nós o discurso romântico amoroso sentimental. O homem, infiel por natureza, já não é requisitado no jogo amoroso, conseqüentemente, se nos juntamos duas mulheres que somos as fiéis por natureza, as que sim sabemos amar, as que amamos sem limites, traduzimos essas fidelidades em clausuras, salvamos o sistema. Nos enclausuramos, nos sistematizamos, nos ordenamos em casais e nos perdemos como pessoas individuais, simbiotizando-nos com a outra em um gesto siamês. Todas as alternativas de liberdade, de amor, de vida, de Eros acabam presas, pois o amor é um dos lugares de expressão mais direto do poder, por isso está sempre em crise e há cada certo tempo voltará a aparecer a necessidade de outro Eros, outros despertares corporais, outros desejos de liberdade.

O casal já significado faz perder não só o amor, senão o desejo de aventura, de aventurar-se em outros seres, de aventurar-se em novas sociedades, novas culturas, novas formas de relação. Sufoca aquela ânsia de liberdade e é justamente aí onde aparecem os seres quebrados por dentro e por fora, toda essa quantidade de seres humanos que não estão vigentes, pois depositaram em outra pessoa toda sua capacidade erótica, amorosa, criativa, para se transformarem em seres amputados. Isso que parece pertencer exclusivamente ao mundo do amor, ao mundo privado, é a representação do mundo concreto, político, da vida cotidiana que construímos como sociedade.

A quem estamos entregando o poder sobre nós? Quanto tempo na história respondemos a família? Que é quem nos julga, mal ama e finalmente nos insere em uma sociedade a sua imagem e semelhança. Como viver nossos amores e desamores de tal maneira que sejam uma proposta de respeito humano e liberdade, mais além das proteções e os sacrifícios nos moldes de propriedade e fidelidade masculinista?

Quando poderemos retomar a narração própria da sexualidade das mulheres e a sexualidade lésbica, não na linguagem da negação que temos tido até agora, não na linguagem da sexualidade legitimada e profissionalizada, hoje tão na moda, resguardada constantemente em sacralidades, poderemos limpar esse espaço cheio de banalidade, de romantismo sadomasoquista e conseguir fazer diferente.

O amor não é um só na vida, não nasce espontaneamente, existe um fiar de amores que vão se esgarçando com o tempo. Cada um tem um sentido, cada um traz uma proposta e em cada um vai ficando um pendente. Todos os pendentos, acumulados,

reservados no tempo aparecem reais e concretos no amor presente e, esse último, vai constituir outro pendente no futuro. O amor não é um só nem morre em um acidente na esquina, é um exercício constante, aparece como aparecem os seres humanos – diferentes, nos provocam novos desafios de nos entendermos, novos desafios de redesenharmos e sararmos do maltrato cultural e compreender que existem múltiplas maneiras de entender o compromisso com outra pessoa. Esse compromisso só pode ser o de cuidar o mais que se possa do sentimento, que uma vez que começa também começa a desaparecer, como tudo na vida, tem um início, um tempo e um término.

Sei que os sonhos, os amores e as liberdades que não se vivem, morrem dentro de nós... te apodrecem, te matam pouco a pouco, olhe para esse mundo sem sonhos, sem amores, sem liberdades, morrendo.

Devemos ter claro que a masculinidade empoderada, empodera todos os homens, também os homossexuais. Em todos os momentos de exaltação da masculinidade ao longo da história, apareceram grupos de homens homossexuais mais ou menos legitimados na semipenumbra do poder, por isso é fundamental desentranhar todos os espaços legitimados na semipenumbra do poder. Não quero dizer que os homossexuais não sejam perseguidos, senão que gozam de certos benefícios, dos quais não gozam as lésbicas. O empoderamento dos homens é tal que inclusive o discurso de feminilidade é tomado por travestis, transexuais, e homossexuais, reinserindo a mais superficial e retrógrada das feminilidades, a que temos tratado de combater no feminismo radical.

A homossexualidade lésbica tem a potencialidade de aproximação de uma mudança cultural mais profunda, que não se corresponde a do movimento homossexual masculino, onde as políticas e o discurso estão definidos pelos homens machistas homossexuais e nos quais se repete a invisibilização que nós mulheres temos sofrido sempre e, conseqüentemente, não conseguem criar uma proposta transformadora. O que transforma a sociedade é uma visão crítica aos valores da masculinidade e suas instituições e essa reflexão não fazem os homens por razões óbvias, esse é seu lugar de poder e identidade.

A dimensão política lésbica não é a mesma que a do mundo homossexual macho. Embora esses rompam com o estereótipo da heterossexualidade, deixam intactos os valores que sustentam a masculinidade. Não questionam o sistema de domínio que faz possível o racismo, o sexismo, o classismo, o direitismo e por conseqüência, a homofobia do sistema, alimentando de uma maneira contraditória sua própria discriminação.

Repensar nossas formas políticas de nos relacionarmos é fundamental para não suplicarmos ao mesmo sistema que nos deslegitima, que nos legitime, fazendo dele duplamente poderoso. Quando falamos de sistema, estamos falando desde o núcleo

familiar até as instituições, constituídos por seres de carne e osso. É aqui onde perdemos o rumo e onde perdemos o poder, porque não pode existir uma modificação do sistema por nós, sem que exista por sua vez um acomodamento de nós ao sistema. Por isso, mais além do direito de igualdade e a vocação de cada uma, creio que temos que repensar a vigência do matrimônio, que é uma instituição tão masculina quanto os exércitos. Deve haver uma divisão de águas com quem quer dar continuidade a um sistema injusto, arbitrário, racista, sexista, baseado na propriedade privada dos seres humanos e na supremacia do homem e sua cultura depredadora.

Um movimento lésbico-político-civilizatório, repensa todos os elementos que trançam o sistema, desse lugar desenha suas estratégias políticas. Não pode entregar sua reflexão a outros grupos marginalizados, já que a única coisa que nos une é a marginalização. Não temos os mesmos interesses políticos que os ecologistas, os gays, as travestis (que tem retomado e reinstalado o discurso da feminilidade), nem tão pouco com os diferentes projetos dos partidos políticos, muito menos com as igrejas. Todas estas instituições estão construídas do mesmo modo, todas juntas sustentam a estrutura da masculinidade. Não podemos nos negar a ver que o sistema masculinista é um grande quebra-cabeças onde as peças que não encaixam, que atentam contra a estrutura total, são eliminadas.

Sem repensar um movimento lésbico, político e civilizatório, não poderemos desarticular o sistema. Sem uma visão crítica não saberemos se é desde dentro do próprio movimento lésbico que estamos traindo nossas políticas e nossas potencialidades civilizatórias. Que custos tem tido essa sucessão de súplicas à maquinaria masculinista para que nos aceite e nos legitime? Estruturalmente é impossível, pois se ela nos legitima sem nos recuperar, é desarmada.

A análise da realidade desde a cultura vigente e suas propostas não é possível para nós, já que é um lugar onde nunca estivemos, nem estaremos nem nos pertence como análise. Devemos revisar cuidadosamente a necessidade de aderirmos a qualquer análise ou proposta de mudança que não provenha de nós mesmas, que não recupere nossas reflexões, nossa história política, nossa biografia e tudo o que têm escrito e pensado as mulheres ao longo de séculos, para não seguirmos repetindo uma e outra vez as estratégias fracassadas.

Pensamos que o acesso das mulheres na cultura a modificaria, porém, as mudanças dos bons costumes modernos têm sido apenas superficiais. Essa armadilha nos tem pegado já demasiadas vezes, podemos fazer alianças circunstanciais, mas sem deixar que nosso discurso seja tomado por outros, manipulado por outros e despolitizado por outros.

Ao nos sentirmos tão fora do sistema, caímos na nostalgia da legitimidade que nos perde e nos trai. Acabamos querendo estar no centro do mesmo poder, quando o

desafio político passa justamente por não colaborar com o sistema, nem nos funcionalizarmos para sustentá-lo. Por isso necessitamos de um espaço político a sós, onde criar com independência, um lugar de experimentação e estudo, onde não sigamos sendo queimadas em praças públicas. Não basta ser mulher, não basta ser feminista, nem basta ser lésbica para esboçar a ideia de outra cultura, é preciso se situar fora e inspecionar até o último canto da masculinidade para poder desconstruí-la.

Há um limite ético e político com nós mesmas e nosso corpo. Deixar as coisas como estão já não é possível, não existe essa realidade para nós.

## LESBIANIDADE: UM LUGAR DE FRONTEIRA

A história da espécie humana está demarcada com corpos sexuais diferentes, corpo-mulher/corpo-homem. Sobre esses corpos se constrói todo um sistema de significações, valores, símbolos, usos e costumes que normalizam não só nossos corpos, senão a sexualidade e, por conseguinte, nossas vidas, delimitando-nos exclusivamente ao modelo de heterossexualidade reprodutiva.

A redução da sexualidade ao espaço reprodutivo é fundamental para declarar o corpo como objeto para ser dominado, em contraponto ao superior: a mente e o espírito. O homem superior é aquele que domina seu corpo e para o qual o corpo é algo frustrante, mas inevitável. O conflito entre o corpo e a mente é uma das zonas onde experimenta o domínio, onde se insere a construção das carências e se atribuem as capacidades. O criar, pensar, organizar e elaborar valores, é o que se define como masculino e traduz ao seu corpo um lugar de treino e desenvolvimento para o domínio, tal como pensam seus corpos culturais (academia, instituições de esporte, exércitos, igrejas, etc.). Corpos que se recuperam, se legitimam e admiram dentro da cultura masculinista.

O corpo mulher, ao contrário, é um corpo subordinado a sua função reprodutiva. Reduzido a sujeito instintivo e/ou objeto de prazer, anulado como sujeito pensante, graças a essa operação cultural de corpo subjugado ao domínio.

Esses são alguns dos signos com que se constroem as ideias de feminilidade e onde a mulher perde automaticamente a autonomia e a independência, para formar parte de uma masculinidade que nos pensa e desenha nossa subordinação em todos os âmbitos da cultura, subordinação que é muito mais sutil e profunda do que aparentemente poderíamos apreciar.

A cultura contemporânea não tem feito senão afinar a submissão e deslegitimação das mulheres, esse tem sido o fato fundacional do patriarcado que se estende e aperfeiçoa na cultura masculinista contemporânea, mesmo que faça o jogo de aparências democráticas e igualitárias. Detrás existe uma história de repressão onde as mulheres

têm sido desprovidas da palavra e de projetos políticos, o que faz impossível sair do lugar designado. Nesse lugar simbólico onde se usa a sexualidade como um ato de apropriação que transmite a dominação como ideia de construção cultural.

Para que toda essa engrenagem de significados opere, a história das mulheres tem sido focada no exercício do amar sobre o do pensar. O amor adquire uma dimensão invasiva e prioritária, correspondendo desta maneira ao mandato cultural: as mulheres amam e os homens pensam. Nesse espaço amoroso subordinado as mulheres exercem seus pequenos poderes, suas resistências, suas trapaças, suas influências; o único espaço de poder relativo que as pertence. Contraditoriamente não somos as mulheres as amadas pela cultura, senão as desejadas, possuídas e temidas. São os homens os amados, tanto pelas mulheres como pelos próprios homens, construindo assim uma cultura misógina que ama os homens e deprecia as mulheres.

Se poderia destacar, então, que as mulheres que amam as mulheres, ou seja, as lésbicas, não só transgridem esse mandato histórico de subordinação ao masculino, senão que, ao mesmo tempo, possuem a potencialidade de curar-se da própria misoginia para se re-simbolizar, não em função de outro, mas de si mesmas. Essa socialização contém uma armadilha muito potente, pois quando amamos uma mulher dentro da ordem do simbólico masculinista, nos transformamos em sujeitas duplamente focalizadas no amor, presas nos mesmos espaços que nos alienaram na história da humanidade. Tal erótica contém a ruptura dos limites do feminino e a resistência ao projeto heterossexual estabelecido, rompendo não só a misoginia, senão fundamentalmente a fidelidade do amor aos homens.

Os modelos eróticos com que somos socializadas vão construindo e reconstruindo a simbólica do feminino a partir dos poderes culturais, que são reforçados permanentemente pela iconografia dos meios de comunicação e de grupos culturais que, embora aparentemente tenham uma posição permissiva ou questionadora da sexualidade ou da liberdade, em sua essência seguem sustentando os velhos valores da masculinidade.

Para mudar esses valores se requer, necessariamente, um processo político cultural civilizatório que questione no mais profundo os velhos estereótipos da sociedade patriarcal, que segue totalmente vigente, mesmo que tenha se travestido de uma pseudo-igualdade na masculinidade moderna.

A lesbianidade corresponde a um pensamento histórico-político que tem características próprias e que não são comparáveis, nem semelhantes a experiência das mulheres heterossexuais, mesmo que como mulheres sejamos igualmente desvalorizadas.

A especificidade da problemática das lésbicas – à medida que o mundo homossexual tem adquirido mais visibilidade – acaba desaparecida em uma leitura homossexual

generalizada, onde priorizam da mesma forma que na heterossexualidade, os interesses masculinos de um tratamento igualitário que não nos contém.

As feministas radiais e as feministas lésbicas sabemos que com leis igualitárias não se resolvem nossos problemas, nem se derruba a feminilidade como construção cultural, pelo contrário, a masculinidade só soma a sua cultura de discriminados úteis; ali radica seu jogo de diversidade.

A aspiração de igualdade que tem o movimento homossexual, corresponde a nostalgia de ter sido parte do estabelecido e de compartilhar espaços de poder político e econômico com o resto dos homens. Sempre formaram parte do coletivo masculino que tem o poder.

A cultura que produz o mundo homossexual masculino está tanto ou mais impregnadas de misoginia que a heterossexual. Tem sido usada pela cultura neoliberal masculinista para prender as mulheres mais que nunca na secundariedade e a revalorização de objeto útil. O travestido não é outra coisa que a caracterização da tonta feminina subordinada aos desejos e maltratos da masculinidade.

Creio que a comunidade homossexual deveria repensar esses tiques conservadores e o desejo de ascender a um sistema que os reprova e persegue. Já que sem entender a complexidade da cultura masculinista na qual vivemos e o quão funcionais podemos chegar a ser, é difícil que nossa opção sexual tenha uma dimensão política que altere o sistema. Pouco temos o que fazer com os homens homossexuais, eles não têm nossas experiências corporais, históricas, nem biográficas de maltrato e submissão, não são discriminados por seus corpos, mas por suas opções. Formam parte dessa cultura, a reafirmam e marcam constantemente.

A homossexualidade lésbica se pensa de um lugar fronteiro, entre a homossexualidade e a heterossexualidade, não forma parte de nenhum desses modelos, embora contenha alguns de seus tiques culturais. Historicamente o pensamento lésbico tem sido um lugar esconderijo e de exposição de um projeto distinto de sociedade, onde não se necessita a tolerância dos poderes econômicos, religiosos, culturais e políticos para existir.

# QUARTA PARTE

## OUTRO PENSAR

---

### OUTRO IMAGINÁRIO, OUTRA LÓGICA

Se é certo que o ecossistema do corpo da mulher nos informa a respeito da ciclicidade de nossa vida e da vida, essa lógica cíclica não tem sido incorporada nunca a cultura, pois a cultura se encontra presa entre o nascer e o morrer, ao modo do corpo masculino. É precisamente essa diferença nas experiências corporais que produzem lógicas distintas. Se agregamos que a feminilidade é uma construção idealizada a partir de um corpo masculino estático, linear e impositivo e não a partir de um corpo cíclico que é o que nos corresponde, será óbvio então que formemos parte alheia da cultura masculinista, contamos com essa estrangeira, que produz o estar representadas por outros. São tão necessários os lugares onde nós mulheres possamos construir nossa própria lógica, nossa própria cultura, nossa própria simbologia, para erguer uma cultura de horizontalidade com este outro corpo.

Me parece inútil seguir pensando que somos marginais na cultura, pois a marginalidade sempre foi parte do sistema. Para poder criar pensamento livre é preciso se situar num lugar externo, nem de fronteira nem de margem, senão bem de fora, para ter uma perspectiva do que sucede dentro desta cultura. Contamos com esse atrevimento de não necessitar de uma conexão com uma cultura que não é nosso produto, na qual não gozamos de nenhum privilégio e não admiramos, pelo contrário, não a necessitamos para nos sentirmos livres e parte do mundo.

Os movimentos sociais têm sido uma de minhas principais preocupações. Como redesenhá-los para retirá-los do espaço de marginalidade e colocá-los em um lugar exterior a cultura vigente, para que substituam o pensamento e produção cultural masculinista, a partir de onde se elabore e se exercite a ideia de um novo sistema civilizatório.

Historicamente a humanidade tem buscado lugares a partir de onde pensar-se e elaborar pensamento, que foram se hierarquizando e finalmente se institucionalizando, para terminarem funcionais as Instituições com sua produção de pensamento.

No entanto, sempre existiu o desejo e a necessidade humana de ter um lugar a partir do qual pensar-se livremente como humanidade e quando esses espaços se

institucionalizam, se rearmam outras intenções menos sistematizadas. Nas universidades historicamente se gerou pensamento e cultura, mas uma vez que começaram a se institucionalizar as aulas, também começaram a institucionalizar seus corredores. Deixaram de ser lugares em que se gerava pensamento, para ser um negócio profissionalizante e de especialização, que deslegitimam todo o pensamento que não surja de lá. Inclusive sistematizam todos os outros pensamentos reduzindo-os a produção de problemáticas aleatórias e debates úteis ao sistema.

A marginalidade já não serve como lugar de reflexão, foi tomada e esvaziada pela globalização do neoliberalismo. Mesmo que se encontre na borda do sistema, está impregnada de seus desejos. A crítica ao sistema a partir da marginalidade sempre vai ser funcional, porque o sistema não funciona sem uma marginalidade reclamadora.

As culturas se tecem de acordo com seus modos de relação e interlocução com outros, que buscam a potencialidade de um encontro possível, a partir de um conhecimento claro, profundo e honesto de mobilidade, para não nos convertermos em estanques reclamados marginais.

Esse lugar móvel, de elaboração de pensamentos e éticas, externo a cultura, não está atraindo em nenhum momento o sentido comum instalado, senão ao contrário, sua pretensão radica em abandoná-lo completamente como desenho cultural, o que, por um lado, tem custos cotidianos, de vida e das relações, mas que, por outro, traz mudanças na qualidade das relações, na busca de outras potencialidades de liberdade que nem sequer suspeitamos. Essa é a aventura do ser humano.

Nós mulheres podemos criar, através da concepção de um corpo cíclico, uma lógica aberta, multidirecional, não hierarquizada a respeito da lógica de domínio e, portanto, não excludente, senão melhor como um poder que – mesmo que difícil de imaginar – esteja desprovido de domínio, me refiro ao poder da liberdade, da criação, do pensamento insubordinado. Apesar de que nessa cultura de domínio existam poderes com essas características, sua lógica deve ser modificada, já que é ela a que os perverte. “Todo não contém um sim”, como sustenta Camus, e isso alude a capacidade humana pensante que pode recolher essa informação e transformá-la em cultura e civilização.

O conceito de que a intuição é o único atributo feminino me aterroriza, sobretudo quando se fala de política. Esse gesto essencialista, como qualquer outro conceito dessa índole, funcionaliza o pensamento a uma ideia tão imóvel e imodificável, que deixa de ser ideia para se transformar em crença.

Esse olhar de estrangeira da civilização e de sua cultura, compartilhar isso com outros seres humanos e humanas nos dá as pegadas para construir uma civilização diferente, que não contenha em seu núcleo a dinâmica e a lógica de domínio que é a mesma que provoca e mata nossas ideias de liberdade e que é produto da perda de conexão com o

ciclo da vida. Sem essa experiência de estrangeira cultural, nos funcionalizamos sempre ao sistema e isso aconteceu não com uma, mas com todas as grandes revoluções que tentaram modificá-lo com a mesma lógica de domínio e que nos tem levado as desumanizações ideológicas mais extremas.

O fracasso dessa cultura está tão evidente que em si mesma nos está propondo uma mudança profunda, já não é a imaginação utópica de liberdades e igualdades humanas o que nos empurra com urgência a uma mudança, senão a sobrevivência da humanidade, do corpo civil ante o corpo armado devastador das microeconomias, a globalização que não é senão a globalização do mercado, e não da humanidade, já que mais da metade da humanidade está de fora de maneira brutal em toda a história da masculinidade, está não só fora das comunicações e do conhecimento, senão fora do conceito de humanidade.

Estamos às portas de perder o que nos constitui como humanos, a capacidade de pensar, nesse jogo de acreditar que pensar é relacionar os conceitos já colocados, e não se conectar com as energias não condicionadas pela cultura vigente. O pensamento está condicionado ao círculo vicioso de pensar-se e repensar-se dentro da cultura masculinista, sem nenhuma possibilidade de liberdade, por isso a liberdade é um problema pendente da humanidade. O pensamento está nomeado no corte/conflito de domínio: homem/mulher, branco/negro, rico/pobre, jovem/velho, heterossexual/homossexual, direita/esquerda, corpo estado/corpo civil, com suas economias devastadoras, por conseguinte, com suas guerras, fomes, explorações, perseguições e matanças.

A cultura funciona em espaços marcados por ela mesma. Se a cultura é fechada, marcada e definida tal como está a cultura da masculinidade, é impensável uma modificação profunda, portanto qualquer projeto de pensamento que se gere dentro dela está condenado, como qualquer civil de última categoria, a ser destruído. Colocar-se fora da cultura não é possível se nos agarramos as ideologias produzidas pelo homem, ao orgulho de pertencer a uma cultura pervertida como sinônimo de humanidade. Não é a humanidade a pervertida, senão a cultura que a perverte, desde que ela se simboliza na palavra homem, invisibilizando mais da metade da humanidade, que não está como a cultura masculinista apegada e orgulhosa de seus produtos, de suas ciências e tecnologias, de suas cidades, catedrais, literaturas e pensadores que, mesmo que contenham questionamentos, não produzem finalmente um pensamento político e libertário que contribua com o desarme desta macrocultura.

PARA VER AS REFERÊNCIAS DA AUTORA:

<http://pmayobre.webs.uvigo.es/pdf/pisano.pdf>